

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais  
Departamento de Economia

Luana Rocha Monteiro

**Indústria Pornográfica: características e impacto socioeconômico do trabalho sexual  
global**

São Paulo

2024

**LUANA ROCHA MONTEIRO**

**INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: CARACTERÍSTICAS E IMPACTO  
SOCIOECONÔMICO DO TRABALHO SEXUAL**

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Ciências Econômicas, sob a orientação do prof., dr. – Antônio Corrêa de Lacerda.

São Paulo

2024

Monteiro, Luana Rocha  
Indústria Pornográfica: características e impacto  
socioeconômico do trabalho sexual. / Luana Rocha Monteiro ;  
. -- São Paulo: [s.n.], 2024.  
62p. il. ; cm.

Orientador: Antonio Corrêa de Lacerda.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, Graduação em Ciências  
Econômicas, 2024.

1. Indústria Pornográfica. 2. Pornografia. 3. Trabalho  
Sexual. 4. Prostituição. I. , . II. Lacerda, Antonio Corrêa  
de. III. Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, Trabalho de Conclusão de Curso para Graduação em  
Ciências Econômicas. IV. Título.

CDD

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

À todas as mulheres negligenciadas pelo Estado  
e marginalizadas pela sociedade, pelo crime de  
sobrevivência.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira e principalmente aos meus pais, Marta Rocha e Marcelo Monteiro, por me prepararem para encarar o mundo, seja pela criação, ou pelo apoio incondicional em toda e qualquer decisão ao longo do caminho, mais ainda por se fazerem presentes no momento em que escolhi a Economia. Graças a eles tive a oportunidade de acessar o que não conseguiram, o ensino superior, e por isso devo a eles todas as minhas conquistas presentes e as que estão por vir.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por mudar minha trajetória e ampliar horizontes, e aos meus professores, por transmitirem um conhecimento tão valioso. Um agradecimento especial ao professor Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho, que me motivou a dar continuidade na pesquisa mesmo quando as condições se mostravam adversas. Sem ele, a presente pesquisa nunca teria sido a mesma. Aproveito a oportunidade para agradecer a professora Leslie Denise Beloque, pela oportunidade de monitoria, e a ambos agradeço por se tornarem exemplos de carreira acadêmica e de pessoa, em que almejo um dia alcançar.

Agradeço a todos os meus colegas que estiveram ao meu lado, aliviando os dias difíceis e contribuindo à minha formação com suas visões. Agradeço a minha amiga Carolina Akemi, pelas incontáveis coisas que aprendi contigo, e acima de tudo por ser uma pessoa extraordinária, a qual admiro profundamente. Aos meus amigos puquianos queridos, Leli, Duda, Erick, Igor, Samu, Leo, Romeo, Rebeca, Beto e Ellen, pelo companheirismo. Aos amigos que fiz no time de vôlei da FEA PUC, agradeço a todos que foram mais do que colegas de time para mim.

## RESUMO

Trata-se de um estudo abrangente sobre a Indústria Pornográfica, com foco na análise histórico-econômica, microeconômica e social. Tem por objetivo essencial capturar o perigo que ela oferece ao navegar pelo mercado, acumulando lucros em cima da exploração e violência feminina, e impactando negativamente o comportamento dos indivíduos numa sociedade. Conforme avança, a monografia estabelece definições-chave e explora as distinções e similaridades entre pornografia e prostituição, além de investigar a história da erotização e seu impacto na formação do ideal social sobre o corpo feminino, para entender suas raízes e sua relação com o tratamento das trabalhadoras sexuais. Por meio de ferramentas microeconômicas, o mercado da indústria pornográfica será dissecado, a fim de entender a dinâmica do setor. Na mesma linha, serão examinadas estruturas de custo e salário, e dados demográficos retirados das grandes plataformas de conteúdo adulto, que ajudam a compreender o perfil do consumidor de pornografia, a demanda e como esses itens influenciam na produção e distribuição de vídeos pornô. Além de abordar aspectos econômicos, discutir-se-á os impactos sociais do conteúdo, seus potenciais danos causados (a nível individual e coletivo), os efeitos psicológicos e a extensão das problemáticas para as atrizes, que enfrentam sequelas de saúde física e mental. Inclui-se o debate sobre até onde a liberdade de expressão pode ser justificada quando grupos vulneráveis estão sob regimes violentos, em adição a necessidade de regulamentação da indústria.

**Palavras-chave:** Indústria Pornográfica; Pornografia; Prostituição; Trabalho Sexual;

## **ABSTRACT**

This is a comprehensive study on the Pornographic Industry, focusing on historical-economic, microeconomic, and social analysis. Its main objective is to capture the danger it poses while navigating the market, accumulating profits through the exploitation and violence against women, and negatively impacting individuals' behavior in society. As it progresses, the research establishes key definitions and explores the distinctions and similarities between pornography and prostitution, as well as investigating the history of eroticization and its impact on shaping societal ideals about the female body, to understand its roots and its relationship with the treatment of sex workers. Through microeconomic tools, the pornographic industry market will be dissected to understand the sector's dynamics. Similarly, cost and wage structures will be examined, along with demographic data extracted from major adult content platforms, to help understand the profile of pornography consumers, the demand, and how these factors influence the production and distribution of pornographic videos. In addition to addressing economic aspects, the study will discuss the social impacts of the content, its potential damages (at both individual and collective levels), psychological effects, and the extent of the problems for actresses, who face physical and mental health consequences. The debate will include discussing the extent to which freedom of expression can be justified when vulnerable groups are under violent regimes, in addition to the need for industry regulation.

**Keywords:** Pornographic Industry; Pornography; Prostitution; Sex Labor;

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de visitas ao Pornhub por ano (2013-2019) (em bilhões).....	31
Gráfico 2: Dados Transferidos Anualmente no Pornhub entre 2014 e 2019 (em petabytes) .....	32
Gráfico 3: Tempo Médio por Visita em Minutos (2007-2023) .....	33
Gráfico 4: Tráfego por aparelho utilizado para acessar o Pornhub (%) (2013-2023)	34
Gráfico 5: Proporção de visitantes do público feminino (2014-2023) (em %).....	35
Gráfico 6: Idade média do usuário do Pornhub (2015-2023) .....	36
Gráfico 7: Demografia dos visitantes do Pornhub em 2023 .....	36

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Termos mais buscados no Pornhub mundialmente (2012-2023) .....	37
Tabela 2: Tráfego no Pornhub anualmente por país (2013-2023) .....	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IP	Indústria Pornográfica
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA: ENTRE DEFINIÇÕES E DISTINÇÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 2 - PERCALÇO HISTÓRICO E CULTURAL DA EXPLÍCITA.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 3 - INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Caracterização da Estrutura Mercadológica .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Demanda e Consumo: Análise amostral do Pornhub.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Custo, Salário e Lucro.....</b>	<b>40</b>
<b>3.4 Estigmas sociais da normalização da pornografia .....</b>	<b>43</b>
<b>3.5 Condições de trabalho e segurança.....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO 4 – MERCADO DE PROSTITUIÇÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1. Paralelismo entre prostituição, pobreza e políticas públicas.....</b>	<b>49</b>
<b>4.2. Intersecção entre prostituição e pornografia.....</b>	<b>52</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Até mesmo aqueles que não têm o costume de consumir pornografia regularmente conseguem reconhecer seu impacto na sociedade. A internet integra uma parte fundamental das relações, e afinal, a massiva presença da pornografia sempre foi difícil de ignorar. Debates sobre conteúdo adulto levantam questões complexas sobre sexualidade e uma preocupação sobre suas possíveis influências na construção de estereótipos e objetificação, ao mesmo tempo em que são tópicos sensíveis de serem abordados em diálogos casuais ou debates políticos.

Dito isso, em meio a pandemia e no primeiro ano de faculdade, o aumento do uso da internet no dia a dia fez com que eu e meus colegas de sala entrássemos em discussão sobre o impacto social da pornografia. Tão logo o grupo se dividiu em duas frentes, contra e a favor. Enquanto tentava defender o que acreditava, percebi que aqueles que estavam a favor defendiam a pornografia porque para eles ela representava um meio para que as pessoas pudessem aprender como funciona o ato sexual, e assim não teriam vergonha quando realmente tivessem a oportunidade de praticar, além de acreditarem ser inofensivo, já que cada um poderia assistir o que tinha interesse, sem julgamento de outros, e seguir a vida normalmente. O que o outro lado apontava era que o "aprendizado" em questão era uma reprodução patriarcal de violência e objetificação da mulher, sem contar que representava uma porta de entrada a todos os mal-intencionados que buscassem consumir conteúdo criminoso, normalizando atos imorais, e perpetuando-os no comportamento da sociedade.

Bem, para mim, era amplamente aceito que havia uma associação entre trabalho sexual e violência, mas como validar essa afirmação? Assim, um problema que me parecia social não tardou a levantar outros questionamentos: me perguntava como essa indústria funcionava, qual poderia ser sua estrutura ou como ela operava em meio a outras - mas principalmente, como uma recém ingressada no bacharelado de Ciências Econômicas, me motivei ao ponderar que meios a faculdade poderia me proporcionar, ao longo dos anos de graduação, para que um dia fosse capaz de enfrentar o desafio de analisar um mercado como este.

Dito isso, essa monografia é uma tentativa de estudo da Indústria Pornográfica, pelas ferramentas que me foram fornecidas pela faculdade no que tange a habilidade de pôr um tema em perspectiva histórico-econômica para entender sua essência, utilizar conceitos microeconômicos para desmembrar uma estrutura de mercado, capacidade de análise de dados e interpretação de estatísticas, e sobretudo a adoção de uma visão crítica sobre questões sociais que nos permeiam.

Como parte da estrutura, partiremos por um estabelecimento prévio do que a autora desta pesquisa entende pelos termos que irão se repetir no trabalho, como distinção entre

pornografia e prostituição, definição de indústria pornográfica, mercado de pornografia, entre outros, baseado nas leituras de definições prestadas por outros autores. Em seguida partiremos a uma análise histórica da erótica, para que possamos identificar de onde vieram certos ideais que ainda se mantêm na sociedade, por que se tem uma ideia coletiva negativa da nudez e como isso afeta o tratamento das trabalhadoras sexuais pela sociedade e pelo Estado, além da relação entre pornografia e o avanço da tecnologia no tempo.

Da prostituição à pornografia, o sexo tem sido idealizado e vendido apoiado na exploração feminina desde seu nascimento, conforme o mercado de prostituição evoluía para a indústria audiovisual pornográfica. Por isso, os últimos dois capítulos exploram a pornografia e prostituição, em que se visa estabelecer uma relação de dependência e indissolubilidade entre ambos os mercados.

Sendo a indústria pornográfica o centro de análise da pesquisa, o terceiro capítulo é o maior e mais denso entre eles. Para fins de uma investigação completa, primeiramente será apresentada uma caracterização pela ótica microeconômica, com o objetivo de classificar o tipo de mercado e assim facilitar o entendimento do seu funcionamento. A seguir, será feito o exame de um conjunto de dados extraídos do Pornhub, uma das maiores plataforma de pornografia do mundo, permitindo uma definição demográfica do consumidor de conteúdo audiovisual adulto. Logo depois, a descrição das estruturas de custo e salário, alinhado com uma expectativa de lucro. Por fim, os últimos dois tópicos do capítulo irão elucidar os danos que a pornografia causa aos indivíduos e ao coletivo, e a extensão desses danos às atrizes, durante e após o envolvimento com a produção de pornografia.

Já o último capítulo visa expor os pontos em comum entre a pornografia e a prostituição, especialmente sobre o perfil das trabalhadoras, desregulamentação, desamparo do Estado, falta de políticas públicas, e a inseparabilidade entre pobreza e prostituição, o único laço que ainda mantém a maior parte da profissão de prostituta.

## **CAPÍTULO 1 - PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA: ENTRE DEFINIÇÕES E DISTINÇÕES**

Ao longo da pesquisa, vários autores foram cruciais para o entendimento do sistema de trocas e processos produtivos que envolviam trabalho sexual. Entretanto, quando se tratava de nomeamento, cada um tinha definições diferentes para se referenciar ao que realmente é pornografia, prostituição e demais termos relacionados, e principalmente certa dificuldade em encontrar o limite entre um e outro, por se tratar de temas sociais e subjetivos. Por isso, estabelece-se aqui a definição de termos que serão cruciais ao entendimento da monografia.

Prostituição. Assim como o trabalho é a venda da única coisa que um trabalhador tem a oferecer, a sua força de trabalho, assim é a prostituição: nada mais que o fenômeno de negociação do trabalho sexual. A escravidão antecedeu o trabalho pago, e não foi diferente com a prostituição - antes mesmo de se tornar uma atividade remunerada, diversas mulheres foram forçadas a se prostituir, seja numa posição de escravismo ou de tráfico sexual. Sendo a exploração algo que a antecede, e que ainda constitui o âmago da prostituição, ela é, antes de tudo, um trabalho. Contudo, por se tratar de trabalho sexual, possui traços únicos atribuídos a ela, assim como na pornografia, a serem explorados mais a frente. A prostituição antecede a pornografia, e entende-se que este último é uma evolução do primeiro, de modo que, assim como todas as profissões tendem a acompanhar e moldar-se ao sistema econômico e padrões sociais de cada época, com o serviço sexual não foi diferente. Entretanto, ainda podemos encontrar uma quantidade significativa de mulheres se prostituindo, mais especificamente uma estimativa de 42 milhões (contra ou a favor de sua vontade), segundo documento publicado pela Fundação Scelles em 2012 (Lacerda, 2014). O motivo para tanto é que existe uma conexão indissolúvel entre prostituição e pobreza, fortificada pela falta de políticas públicas, a ser examinado a fundo no último capítulo.

Mercado de Prostituição. Tudo aquilo que integra as relações de troca entre comprador e vendedor de relações sexuais. É caracterizado pelo preocupante falta de regulamentação, forçando as trabalhadoras a um trabalho autônomo e todas as desvantagens prejudiciais que acompanham a modalidade, além da extrema violência, tanto por parte dos compradores potenciais, como pelo comportamento de profundo desamparo e insignificância do governo, como também por parte da sociedade, graças a ideia coletiva negativa que foi formada ao redor da profissão.

Pornografia. A pornografia é, por se dizer, uma evolução da prostituição, adaptada às tendências tecnológicas, conforme foram avançando junto ao sistema capitalista, que também modificou muito seus sistemas de troca, o sistema financeiro e demais mecanismos de

funcionamento econômico em vista da tecnologia. São vídeos contendo imagens explícitas de atos sexuais, que podem ser comercializados por meio de fitas VHS e DVDs, mas que atualmente são mais comuns em formato digital, disponíveis em plataformas na internet. O escopo da pesquisa abrangerá essa última forma de propagação. Identificar a pornografia como um trabalho é um pouco mais intuitivo que a prostituição, já que é entendido por alguns autores como um ramo da atuação (daí o nome "atriz pornô"), de modo que também pode ser encarado como um trabalho autônomo. Assim como a prostituição, a exploração do trabalhador é comum - é de se imaginar que se trata de um trabalho com atributos muito diferentes da carreira de outras atrizes, como veremos no terceiro capítulo. Finalmente, é importante apontar que dentro dos produtos comercializados, materializados na forma de conteúdo audiovisual, existe trabalho contido, isto é, o serviço prestado para a execução do conteúdo exibido, pelas trabalhadoras sexuais. O emprego de trabalho sexual é o que dá valor tanto a pornografia como a prostituição, e a mais-valia gerada tende a ser explorada de tal maneira que a autonomia das trabalhadoras (vendida, muitas vezes, como a maior vantagem da profissão) é comprometida, tão logo, na prática a profissão torna as trabalhadoras vulneráveis e sujeitas a condições de trabalho precárias, que tiram proveito delas financeiramente e comprometem sua saúde física e mental.

**Mercado de Pornografia.** Tudo aquilo que integra as relações de troca entre consumidor e produtor de conteúdo adulto, ou ainda, a comercialização de conteúdo audiovisual pornográfico. Diferente das relações de troca da prostituição, nem sempre um dos lados oferece dinheiro para ter acesso ao conteúdo - foi, por muito tempo, um produto tangível, acompanhado por um preço de venda, mas hoje é comum alguns sites disponibilizarem gratuitamente as produções audiovisuais, já que o lucro pode vir de outras formas, como anúncios nos vídeos, programas de assinatura, venda de conteúdo exclusivo, monetização baseada na quantidade de visualizações, entre outros. Dificilmente intervencionado por entidades governamentais, o mercado é regulamentado pelas próprias empresas, embora muitas vezes de forma sigilosa, e, assim como o mercado de prostituição, é marcado pela violência, mesmo que de outras formas daquelas presentes na outra modalidade de mercado sexual definido acima. Veremos como a conveniência de nomear as trabalhadoras como "atrizes", compreendendo seu trabalho como autônomo, tira a responsabilidade das grandes empresas de arcar com o prejuízo que vem causando às trabalhadoras, e também a responsabilidade do governo de intervir.

**Indústria Pornográfica (IP).** Produção audiovisual de conteúdo explícito. É comandado por poucas empresas, muito grandes e que dominam o mercado concorrencial. Entre os trabalhadores que integram essa indústria encontram-se atores, produtores, diretores, editores de vídeo, equipe de iluminação e som, designers gráficos, equipe de marketing, assessores

legais, contadores, desenvolvedores de sistemas web, figurinistas, maquiadores, agentes de recrutamento, serviço de catering, equipe de logística e transporte, gerentes de locação, entre outros. Podemos pensar nela como uma ramificação da indústria cinematográfica, um pouco mais violenta e muito mais sigilosa. A divisão de lucros gerada pelas produções de conteúdo adulto é distribuída de acordo com a estrutura de propriedade de cada empresa, mas o pagamento às atrizes é fixo, o que significa que caso uma delas ganhe popularidade e seus vídeos rendam milhares de dólares à plataforma, por exemplo, nenhuma parte do valor é convertida para ela, que ganhará em troca somente a alta exposição da sua imagem na internet, permanentemente. Demais detalhes como o tamanho aproximado da indústria, lucro estimado, custo de produção, pagamento de salários, os direitos (ou a falta deles) e outros temas serão discutidos ao longo do terceiro capítulo.

A prostituição metamorfoseou à pornografia, mas o resultado disso, a Indústria Pornográfica, é uma estrutura de mercado totalmente diferente, e por isso merece ser estudada a fundo. A IP não se limita apenas à oferta de serviço sexual como na prostituição: da pornografia nasceu uma potência industrial, uma ramificação empresarial diferente do que conhecemos. Criaram-se entidades que se movimentam sigilosamente e dominam a produção audiovisual, movimentando uma quantia massiva anualmente - mais do que o faturamento anual de *Hollywood*, que é do mesmo ramo, mas mais também do que grandes empresas como *Microsoft*, *Google*, *Amazon*, *eBay*, *Yahoo*, *Apple* e *Netflix* juntos (Barros, 2018 apud Afonso; Scorpinho, 2023) - e que nem sequer são regulamentadas e fiscalizadas. Um sistema de acumulação novo foi criado e é ele que a monografia busca entender.

Salienta-se que não será considerado parte da pornografia produtos como livros, poemas, gravuras, ilustrações, revistas, brinquedos, acessórios ou qualquer objeto de natureza similar - isso seria erótico, e não pornográfico, portanto, não faz parte da indústria analisada na pesquisa. Como detalhado acima, para ser considerado prostituição ou pornografia, o processo deve envolver a prestação de serviço da trabalhadora sexual, sendo ele direto (em forma de prostituição, em que o consumidor negocia e usufrui do serviço) ou indireto (o consumo da gravação do trabalho sexual, intermediado por uma plataforma online que disponibilize a produção cinematográfica). Adicionalmente, mesmo que em ambos os ambientes possamos encontrar trabalhadores do gênero masculino, a pesquisa terá foco nas mulheres que praticam essas profissões, por representarem maioria na massa trabalhadora.

É essencial evidenciar que o processo de pesquisa foi extremamente dificultado pela escassez de dados, principalmente referente à Indústria Pornográfica, tema central da pesquisa. A forte barreira à acesso de informação se apresenta não só como empecilho para estudo do

funcionamento desse sistema, mas como uma das suas características mais marcantes. Trata-se de uma indústria que movimenta bilhões de dólares por ano, entretanto um montante irrastrável e incontável, apenas estimado. É um dos ramos mais lucrativos da Indústria Cinematográfica, mas também o mais irregular, e que mesmo assim, de alguma maneira, continua não só a operar normalmente, mas também acumulando lucro exponencial por anos em série.

A partir desse conceito, elucida-se uma segunda particularidade: o sigilo de informações dá margem para que as grandes empresas líderes no Mercado de Pornografia possam praticar transgressões trabalhistas, como o pagamento de salário desigual (sim, por gênero e raça, mas sobretudo porque tiram proveito da falta de conhecimento entre as próprias trabalhadoras de qual seria a quantia média de remuneração esperada para cada vídeo ou filme produzido, por exemplo, e por isso detém controle total sobre a formação do valor final do salário), não obrigatoriedade da garantia de serviços de saúde (preventivos ou resultantes do serviço), imposição de um intervalo irreal de horas de gravação por dia (muitas vezes sem pausa, sabendo que levaria à exaustão física e causaria possíveis ferimentos), entre outros fatores a serem explorados nos próximos capítulos.

Com relação a produção de conteúdo erótico, como cita o autor e pesquisador Kevin Heffernan (apud Tarrant, 2016), tópicos “*unsexy*” – isto é, totalmente desligados da indústria da prostituição ou da pornografia – no que tange economia e distribuição, tende a causar um impacto constante no que é criado na indústria pornográfica e como é disponibilizado ao público. Isto significa que invenções consideradas “pequenas”, compostas por relativamente baixa tecnologia, como a invenção da impressora ou da primeira câmera fotográfica, têm um impacto massivo e direto na quantidade, no conteúdo e na disponibilidade de tal produto audiovisual. Ao mesmo tempo, a pornografia molda as relações sociais, influenciando diretamente o comportamento dos indivíduos em temas que não necessariamente estão ligados a sexualidade, como a maneira que mulheres, lésbicas, asiáticas e adolescentes são tratadas, ou qual é a conduta esperada de homens.

Outro grande aspecto notabilizado na pesquisa foi a violência. Em direção às trabalhadoras, ela vem de todos os lados: está presente no “*sex trade*”, em casos recorrentes de ataques verbais, abuso, ameaças, agressão, estupro ou coerção, advinda de colegas e empregadores. Mais do que isso, a maior parte do conteúdo produzido e demandado são aqueles que contêm imagens extremamente violentas. A população sofre exposição desde muito nova a pornografia, e esse conteúdo costuma ser seu primeiro contato com o entendimento do que é sexo. Tratando de uma indústria que cresce a proporções assustadoras e que é de fácil acesso, isso significa que a IP tem a capacidade de disseminar vídeos problemáticos massivamente e,

portanto, de normalizar a violência contra a mulher, garantindo a constante perpetuação da cultura de abuso. Capítulos à frente irão explorar a ligação inseparável que existe entre o conteúdo pornográfico e a forma como a violência se perpetua na sociedade.

Por fim, a prostituição é explorada nesta pesquisa pois, mesmo que sejam dois conceitos e mercados totalmente diferentes, a pornografia é inseparável da prostituição. Isso porque, assim como destacado na definição do termo "pornografia" acima, para que ela nascesse, a prostituição teve que existir. Entende-se que o primeiro termo é uma transmutação do último, em vista da revolução tecnológica - ora, atualmente quase todas as relações sociais, laborais e de troca comercial dependem da internet e da digitalização, e não poderia ser diferente com o trabalho sexual. As evidências de interligação entre uma e outra são claras, já que os atributos que compõem a essência de ambas as profissões sexuais são as mesmas: as mulheres apresentam o mesmo tipo de tratamento durante o tempo em que praticam trabalho sexual (como violência e desamparo público), durante o período antecedente (ou seja, passam por experiências de abuso físico e psicológico muito similares na infância e adolescência) e as mesmas consequências que a ocupação traz (sejam elas referentes à saúde ou o problema da forte barreira à saída que enfrentam, por exemplo). Nesse caso, é lógico questionar por que então ainda exista prostituição. A resposta para essa questão mora na inseparabilidade entre prostituição e pobreza: enquanto ainda existir extrema pobreza no mundo, a profissão continuará a ser exercida, e essa é a maior característica que difere as trabalhadoras desse ramo e da IP. A tese será aprofundada no quarto capítulo.

## **CAPÍTULO 2 - PERCALÇO HISTÓRICO E CULTURAL DA EXPLÍCITA**

O conteúdo explícito tem sido propagado de diversas formas desde a Idade Antiga, na forma de arte plástica, artefatos, música, murais e poesia; até mesmo pinturas rupestres datadas de mais de 2 milhões de anos atrás chegaram a retratar a nudez. Se tornou um trabalho, contudo, nas primeiras civilizações da Mesopotâmia: tábuas de barro sumérias datadas de 2400 a.C registram, pela primeira vez, a troca de sexo por dinheiro ou mercadoria. Demais registros indicam que a deusa do amor se considerava ligada à prostituição tanto feminina quanto masculina (Martin, 2003 apud Nunes, 2019). Dali em diante, a atividade se propagou até a Grécia, Índia e Egito.

Naquele período, a prostituição como profissão chegou a garantir certo destaque intelectual e social a mulheres ao lado de filósofos e artistas na Grécia Antiga. Nesse cenário, a criação de bordéis era incentivada e a prostituição era vista como uma possível solução para a promiscuidade masculina. Além disso, em Roma, a atividade era regulamentada e as trabalhadoras contribuía na arrecadação de impostos (McGinn, 1998 apud Nunes, 2019). Um comportamento similar era observado no Oriente - a prostituição não só era comum, como atrelada ao sagrado. Documentos sumérios e assírios descrevem que nos costumes religiosos da época era habitual que as mulheres vendessem favores sexuais em nome de deuses, e em seguida usassem o dinheiro como oferenda a eles. Tais rituais datam do período neolítico, e deles foram encontradas evidências arqueológicas na Europa, no Mediterrâneo e na Ásia Oriental (Basserman, 1968 apud Nunes, 2019). Na Babilônia e na região do Crescente Fértil há diversos registros da prática da prostituição dedicada a deusas da fertilidade, de modo que era normalizado e bem-visto numa sociedade a mulher que a praticava em busca de bênçãos férteis, tanto para o cultivo da terra quando para a prosperidade da família, e carregava significado espiritual para as participantes (Lerner, 1986 apud Nunes, 2019). Cita-se também o exemplo japonês, que pelo menos até o período Edo (1603-1867) - época de pico na propagação de tal conteúdo - era comum encontrar livros com gravuras eróticas para fins de entretenimento (Jenkins, 2023).

Desde quando, então, ser uma trabalhadora sexual se tornou um paradigma cultural? A resposta está atrelada diretamente à religião: "a chegada do cristianismo mudou a visão do Estado sobre a atividade, que ganhou contornos de pecado" (Nunes, 2019). É interessante notar, entretanto, que o pecado sempre foi posto nas costas das mulheres. Há quem se pergunte, por exemplo, por que no conto originário de criação só Eva foi culpada por corroer a humanidade se Adão também comeu do fruto proibido. Ora, do mesmo modo, pode-se questionar, por que a prostituição é uma demonização unilateral? Afinal, nessa relação contratual entre o ofertante

e comprador, ambos estão negociando sentados na mesma mesa. A resposta é inerente aos valores morais atribuídos socialmente do que se entende como prostituição.

A religião é uma, se não a maior, influência numa sociedade. É o maior poder presente na construção de senso comum, do que se entende por ética e moral, no comportamento individual e coletivo, nas expressões culturais, nos costumes, na família, e mesmo em Estados laicos, como o Brasil, continua a ter domínio direto sobre a legislação, regulamentações e demais decisões políticas.

O Cristianismo se originou no século I d.C. na Palestina e gradualmente se espalhou por todo o Império Romano nos séculos seguintes. No entanto, foi durante a Idade Média, especialmente a partir do século V em diante, que a Igreja Católica se difundiu pela Europa e demais partes do mundo, especialmente após a conversão do Império Romano ao Cristianismo no século IV. Durante esse período, a Igreja Católica exerceu um papel central na vida espiritual e cultural da Europa, influenciando a arte, a política e a educação. Não coincidentemente, na mesma época se iniciaram as grandes navegações - assim, a Igreja Católica impôs, de forma duradoura e profunda, a disseminação dessa religião ao redor do mundo.

Sabendo disso, e para o entendimento do papel da religião para a formação do estereótipo feminino, ressalta-se: são os pequenos detalhes que compõem a estrutura religiosa. Não há qualquer personagem feminina de destaque senão santas ao longo da história da Bíblia. Mais ainda, as demais coadjuvantes são conhecidas por seu caráter pecaminoso, que por meio da sedução, induzem o homem (que é puro) a cometer atos imorais contra a sua vontade - à exemplo do conto originário de Adão e Eva. Sendo a mulher considerada pecaminosa desde a criação, a mensagem final do documento insiste que a solução é, portanto, submissão total da mulher. Assim, as mulheres podem participar de algumas funções da Igreja, mas nenhuma pode ocupar um cargo de liderança religiosa. Já quando se trata da vivência em sociedade, seu papel único e principal não deve ser um trabalho, e sim a devoção à maternidade e apoio da família. Além disso, a castidade é supervalorizada dentro dos costumes e moral da religião, de modo que somente o sexo dentro do casamento deve ser aceito, mas são feitas exceções aos homens, pois estes possuem necessidades naturais, e as mulheres, claro, devem-se manter puras para que mereçam um homem e uma família.

Dessa maneira, é concebido aqui dois conceitos que serão essenciais na análise futura da prostituição e da indústria pornográfica ao longo desta pesquisa: os papéis de gênero tradicionais e o tabu ao redor das relações íntimas adultas. Ambas as noções advindas de uma doutrina centenária, ainda são vigentes e disseminadas.

Ainda na Idade Média, surge a palavra "prostituta", do latim, que significa exposição da genitália. À primeira vista, é interessante notar que a profissão morava no limite entre um mal a ser combatido e um "mal necessário" para que os homens pudessem descarregar tudo aquilo que os afastava de Deus (Roberts, 1992 apud Afonso; Scorpinho, 2013). No século XVII, a antagonia entre combate e tolerância foi substituída por um movimento de salvação das mulheres que se prostituíam, usando como exemplo a figura bíblica de Maria Madalena, personagem descrita como ex-prostituta arrependida e perdoada por Deus. Nessa época também, leis que retiravam direitos das prostitutas começaram a ser aplicadas e mulheres que ofereciam o serviço não tinham permissão para denunciar crimes cometidos contra elas, por exemplo. Durante os séculos seguintes, essas leis foram ficando mais rigorosas: em países europeus como a França, Portugal e Espanha, há registros de leis que buscavam controlar os direitos e até mesmo a vida privada dessas mulheres, a fim de diferenciá-las das "mulheres de família".

A partir do século XVIII, a literatura erótica passou a se propagar, muitas de cunho violento, como no caso do escritor Marquis de Sade (1740-1814), que criou o termo "sadismo". Vale ressaltar que nesse mesmo período romances estavam cada vez mais populares e, no século seguinte, a invenção da imprensa tornou ainda mais facilitado o processo de escrita e publicação dos mesmos. Durante esse período ocorreu um 'boom' de conteúdo adulto, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, por romances em série, contos, poemas e baladas com descrições altamente gráficas (Jenkins, 2023). A Era Vitoriana acabou trazendo consigo uma vasta propagação do gênero de literatura erótica, mas também trouxe consigo subgêneros de temas mais sensíveis pela primeira vez, ora normalizando fetichização, incesto e pedofilia, ora protagonizando "tabus" da época como homossexualidade e sadomasoquismo (Tarrant, 2016).

Sendo assim, entre os séculos XVIII e XIX a literatura passava por uma grande expansão e tinha pouca ou nenhuma barreira à publicação, de modo que a normalização da violência contra a mulher nas relações sexuais atingiu um grande escopo social. Além disso, na segunda metade do século XIX, publicam-se estudos científicos alegando que sintomas de atração física eram causados pelos hormônios femininos e em vista disso, várias mulheres foram diagnosticadas com "histeria feminina" e passavam forçadamente a um tratamento médico do que hoje entende-se por estupro.

No contexto pós-revolução industrial, o desemprego feminino unido a expansiva industrialização e baixos salários das mulheres, empurrou uma grande massa das mulheres proletárias à prostituição. A seguir, a sindicalização dos trabalhadores e a adesão de ideais de cunho revolucionário junto a uma cultura sexual liberal foram rebatidos pela burguesia

rebuscando conceitos de "moralidade", instituindo, dessa maneira, a família nuclear patriarcal (Afonso; Scopinho, 2013). Nesse momento, o senso comum volta a aderir os papéis sociais de gênero e o conservadorismo.

A partir daí, os países se dividiram em posicionamento perante a questão da prostituição. Nos Estados Unidos, na década de 1870, médicos e autoridades policiais tinham regulamentado o dever de combater a "proliferação de prostitutas", e quando as tais medidas não tiveram efeito, as prostitutas foram segregadas, podendo circular apenas em certas zonas do país, e a atividade não foi legalizada. Já na Grã-Bretanha, mesmo o ofício sendo regulamentado, o descontrole de contágio da sífilis na década de 1860 fez com que essas mulheres fossem perseguidas, assim, após a legalização dos Atos das Doenças Contagiosas, todas as mulheres que oferecessem os serviços deveriam se registrar e passar por exames obrigatórios, além de que policiais podiam deter qualquer mulher e enquadrá-la como "prostituta comum". Na década de 80, graças ao movimento proletário e feminista intitulado abolicionista, os Atos foram suspensos, entretanto tal medida deu espaço para que um contramovimento católico surgisse, propagando um discurso que unia religião e "pureza social".

Inusitadamente, iniciativas como aquelas citadas acima surtiram pouco ou nenhum efeito, de sorte que desde o final do século XIX até a primeira guerra mundial, a urbanização e o crescimento econômico levaram a uma expansão da prostituição. A reação de países como Alemanha, Noruega, Holanda, Dinamarca, Espanha, Bulgária e Finlândia foi fechar os bordéis, sem qualquer política de reinserção para as mulheres que ali trabalhavam. Na Alemanha, esquerda e direita tomaram frente contra a prostituição: a direita criou movimentos como Associações de Moralidade e Associação para Proteção dos Jovens, combatendo a profissão com discursos morais, e a esquerda, feministas com ideias butleristas e do Partido Democrático Social Marxista também argumentavam a favor da não regulamentação, já que se tratava de uma "escravidão sexual feminina e um símbolo da corrosão social causada pelo capitalismo" (Afonso; Scopinho, 2013).

Entretanto, toda a situação descrita acima se reverteu quase como da noite para o dia assim que a Primeira Guerra Mundial teve início, sabendo que autoritários de quase todos os países se apoiaram no poderio militar a fim de garantir que as medidas relacionadas a prostituição servissem a seus interesses durante o período. O fim da guerra trouxe de volta tais medidas numa intensidade maior: na Inglaterra implementou-se toque de recolher para as mulheres; nos Estados Unidos as zonas foram fechadas em 1917 e no ano seguinte tornaram a profissão ilegal; na Rússia, Stalin decretou o fim da prostituição em 1920, quando na verdade a atividade continuava a operar clandestinamente e as mulheres foram deixadas a arbitrariedade

de policiais, que chegaram a enquadrá-las e mandá-las a campos de trabalho por "parasitagem" (Roberts, 1992 apud Afonso, 2013). Durante a Segunda Guerra Mundial, mobilizações de combate a prostituição similares foram observadas nas ditaduras de Mussolini e Hitler, onde o primeiro adotou medidas rígidas de regulamentação, e o segundo garantiu que prostitutas clandestinas fossem marcadas com uma estrela negra na roupa e em seguida mandadas para campos de concentração. Além disso, países aliados costumavam exibir um comportamento rígido similar.

Já no Brasil, durante o Império no século XIX, a prostituição desenvolveu-se com base na escravidão, sendo essa uma de muitas tarefas que as mulheres negras teriam na corte. Em São Paulo, entre o fim do século XIX e início do XX, a chamada Zona de Meretrício foi criada, mediante a ideais higienistas propagados por médicos e autoridades públicas da época que incentivaram a segregação dessas mulheres. O auge da prostituição, no entanto, foi na década de 1930, e a massa de trabalhadoras era formada majoritariamente por estrangeiras no Rio de Janeiro e, na mesma época, em São Paulo, foram publicadas as primeiras regulamentações sobre a profissão, que incluía registro obrigatório, regras de vestuário, restrição de horário de funcionamento e proibição de abordagem de pessoas na rua (Rago, 1996 apud Cavour, 2011). Durante a ditadura do Estado Novo, foram implementadas políticas de segregação, forçando as prostitutas da época a habitarem e circularem somente na região no Bom Retiro, bairro judeu em São Paulo, e no Mangue, Rio de Janeiro. Essas zonas só deixaram de operar em 1954, e a dispersão dessas mulheres em outras regiões do país foi acompanhada de violência policial sem supervisão. Vale destacar, ainda, que mesmo com a revolução sexual nas décadas de 60 e 70, ainda ficou vigente até 1988 leis de divisão entre "mulheres honestas" e "mulheres perdidas", estas últimas passíveis de diversos atos de violência, até mesmo estupro, uma vez que os agressores seriam impunes perante a lei.

Não mais restrito ao mercado de prostituição, já no século XIX, com a invenção da fotografia, percebeu-se que o ato natural de reprodução humana também poderia se tornar um produto. A introdução da fotografia foi um ponto chave para a criação da pornografia: estima-se que tenha começado com estúdios pioneiros em Paris, onde mulheres eram fotografadas e então os arquivos eram vendidos como "estudos da arte". Entretanto, tais fotos foram tão procuradas que, por um tempo, era mais caro comprar uma fotografia erótica do que pagar uma prostituta.

Nesse contexto, o conteúdo explícito começou a ser comercializado primeiramente na forma de fotos e depois, na transição entre este século e o próximo, com as chamadas "caixas de perspectiva". A última trata-se de uma apresentação por partes, vista através de um slot de

visualização, que se fecha após um curto período de tempo. Essa invenção remonta ao século XV na Europa, mas também é comum em diversas culturas, e é relevante para a narrativa pois, durante a década de 1960, o público pagava para assistir filmes individualmente em tal máquina, que passou a comercializar conteúdo explícito. Calcula-se que uma única caixa era capaz de render milhares de dólares por semana (Alves, 2019 apud Harford, 2019). Quando o assunto é filmes pornográficos, esses já estavam sendo produzidos desde 1920, mas atingiram maior popularidade também na década de 1960.

Na década seguinte, a fita cassete foi desenvolvida e não foi muito para que a indústria pornográfica passasse a explorar o novo veículo comunicativo: a maioria das fitas VHS comercializadas na época foram justamente aquelas de conteúdo adulto. Quando as primeiras fitas surgiram, seu custo de produção era muito alto e o consumo muito baixo, assim, a responsável pela popularização delas foi justamente o conteúdo pornográfico, isto é, a privacidade oferecida pela fita foi o impulso necessário que possibilitou sua expansão no mercado (Samulak, 2019 apud Harford, 2019). Nesse ritmo, em poucos anos tal tecnologia se tornou acessível ao grande público. A seguir, o desenvolvimento do vídeo cassete no decênio de 1980 e o desenvolvimento de DVDs no decênio seguinte permitiu a vasta distribuição de filmes pornô, estimulando mais ainda, por consequência, a produção e circulação desses meios de reprodução de vídeo, pela privacidade que eles podem oferecer ao consumidor (Harford, 2019).

O maior 'boom' de consumo e distribuição, entretanto, teve início nos anos 1990. A introdução da internet expandiu ainda mais a produção pornográfica e vice-versa: não só a chegada dessa nova tecnologia introduziu uma disponibilidade nunca antes vista, transformando a indústria pornográfica na indústria mais lucrativa na internet, como também, quanto maior a expansão da pornografia, maior era o impulso refletido no desenvolvimento da internet: foi essa indústria a responsável pelo incentivo ao investimento em melhores conexões e compressão de arquivos de vídeos, por exemplo. Segundo pesquisas da BBC (Harford, 2019), na década de 1990, um estudo entre os usuários de *Usenet* apontou que cinco em cada seis imagens compartilhadas eram de conteúdo pornográfico. Poucos anos depois, uma pesquisa entre salas de bate-papo similares àquela apontou resultados semelhantes. Desse modo, o comportamento dos usuários criou certa demanda para conexões mais rápidas, melhores modems e avanço da banda larga. Ainda, distribuidores de pornografia online foram pioneiros quando o assunto é compressão de vídeos e sistemas de pagamento via internet.

Finalmente, encerra-se o capítulo com algumas mensagens que a exposição histórica elucidou. Há uma barreira que a religião católica criou que torna tanto a profissão de uma

prostituta como a de uma atriz pornô algo não só a ser evitado em discussões como impassível da concessão de direitos. Desse modo, a religião influenciou a construção da sociedade durante sua expansão pelo mundo e, mesmo em países laicos, continua com uma participação ativa na formação de opiniões populares e formulações de políticas públicas. Outro ponto relevante é que novas tecnologias tendem a ter alto custo e pouca confiabilidade quando começam a ser distribuídas, por isso geralmente são impulsionadas por grupos de pessoas com um gosto em comum. Assim, a pornografia impulsionou a fotografia, depois a comercialização de vídeo cassete (VCR), em seguida a de CDs, e não foi diferente com a internet. Por fim, a estigmatização da prostituição e da pornografia é, e sempre foi, usado como justificativa para que grandes organizações não tenham que lidar com as consequências de sua negligência. Esse é um ponto comum entre grandes empresas e governos, e muitas vezes acabou sendo fortificado pela população por meio de linhas de pensamento conservadores, mas também feministas radicais, que veem a profissão com desdém e não merecedora de reconhecimento.

## **CAPÍTULO 3 - INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA**

De certo modo, a pornografia evoluiu para a criação indústria pornográfica, viabilizada pela tecnologia e características intrínsecas ao sistema econômico vigente, além de mudanças no que é considerado moral ou legal numa economia. Atualmente, o modos-operante dessa indústria, a ser discorrido no capítulo, refletiu num resultado muito maior do que apenas mais um segmento no e-commerce: trata-se da exploração do trabalhador para acumulação extra de lucro e também um problema de saúde pública, fomentados por entidades que movimentam bilhões de dólares anuais através de um padrão de produção e distribuição ilegal e não transparente.

As trabalhadoras no ramo da indústria audiovisual pornográfica acompanham uma tendência do capitalismo tardio, isto é, cada vez mais a vida pessoal está adentrando o mercado de trabalho de modo que trabalhadores individuais, não mais o Estado ou o empregador capitalista, assumem os riscos de estarem inseridos em um setor do mercado de trabalho.

O capítulo analisará a indústria pornográfica por todas as suas frentes: caracterização da estrutura de mercado, delineamento da demanda por meio da análise amostral do consumidor de pornografia no *Pornhub*, salário, custo e lucro (dentre outras variáveis importantes) do trabalhador sexual e o impacto que a indústria tem nas relações sociais e no comportamento dos indivíduos, além daqueles diretamente às próprias trabalhadoras, durante e após as produções.

### **3.1 Caracterização da Estrutura Mercadológica**

Sob a ótica econômica, abordar mercados de produtos finais significa pensar na junção de forças antagônicas, de agentes conflitantes - consumidores com desejos infinitos e ilimitados, enquanto as empresas têm de lidar com recursos finitos e limitados, que traduzindo para o contexto da pesquisa, refere-se a uma dinâmica em que os usuários têm desejos ilimitados e que mudam constantemente, em contrapartida às plataformas e produtoras que têm recursos limitados para a produção de conteúdo audiovisual pornográfico. Nesse contexto, a concorrência entre firmas pode ser brutal, ainda mais quando o campo de atuação é na internet, que possibilita uma gama infinita de possibilidades para o consumidor. Mesmo assim, desde o início da trajetória do ramo da pornografia, poucas empresas conseguiram estabelecer liderança e dominar o setor.

Primeiramente, como parte dos elementos do mercado, a natureza das trocas é direta e o espaço econômico é internacional, já que o conteúdo está disponível dentro de plataformas na internet e são de livre acesso. Por isso, no que diz respeito à presença dos agentes, há desnecessidade da presença explícita das partes envolvidas no processo e as negociações são

voluntárias, assumindo que se passam em economias de mercado e não planejadas - para além disso, assume-se que é indiferente que algum país aplique regras de uma economia de mercado ou planejada, pois o ambiente de negociação é online, portanto independente de qual legislação governamental o consumidor está sujeito, a voluntariedade permanece. Não há padronização dos bens produzidos já que não há uma instituição que classifique ou categorize o que é disponibilizado - é evidente que o conteúdo segue mais ou menos um padrão de mercado, em que todos ilustram relações sexuais, mas não há pré-requisitos ou características obrigatórias, a não ser respeitar as diretrizes e políticas do site, e mesmo isso não diz respeito a sua classificação em si, mas ao controle industrial da empresa. Por fim, tendo em vista que esse segmento não envolve recursos governamentais, não atua com comunidades desfavorecidas, não lida com fatores de produção e atende diretamente as necessidades do público, enquadra-se no mercado de bens de consumo.

Os estágios de comercialização podem variar um pouco, mas geralmente começa nas produtoras (que podem ou não ser propriedade das plataformas que distribuem o conteúdo), onde acontece a roteirização, o financiamento e a produção, partindo a uma negociação entre as plataformas de *stream* de pornografia e as produtoras (a fim de discutir direitos de exibição, licenciamento, entre outros fatores), para que então o conteúdo seja distribuído. Uma vez nas plataformas, pode ser consumido pelo público geral de duas formas: programas de assinatura ou gratuitamente. O primeiro, dependendo da modalidade assinada, pode fornecer acesso a conteúdo exclusivo, maior qualidade de imagem, *downloads* ilimitados, *live cams*, vídeos livres de propaganda, entre outros benefícios. É atrativo porque dá ao consumidor uma sensação de exclusividade e ao mesmo tempo não é custoso - o preço gira em torno de 1 a 15 dólares (Confort, 2021 apud Pyne, 2019). Vale frisar que as empresas que dominam o ramo são ditadoras de preço. Já o segundo gera lucro por meio de propaganda e monetização, baseado na quantidade de acessos e visualizações, similarmente a plataformas de streaming de vídeo padrão. A propaganda pode redirecionar o consumidor a outro site de conteúdo pornográfico, pode vir em forma *pop-ups*, anunciando outros tipos de bens e serviços, ou até aparecer durante os cliques - seja qual for, o fator determinante, ou, ainda, o multiplicador chave para calcular o montante de lucro gerado é o volume de tráfego online.

Por isso, assume-se que a discriminação de preço é de terceiro grau, caracterizada por um mercado segmentado que tem como parâmetro a elasticidade-preço da procura para diferentes graus de pretendentes ao bem, uma vez que há conteúdos exclusivos para cada segmento, desde o público que consome gratuitamente até público-alvo de cada tipo de plano de assinatura pago. A discriminação de preços para o último é feita num esquema em que preços

mais altos são direcionados a grupos em que a elasticidade-preço é menor, e preços menores para aqueles com elasticidade-preço maior, até atingir a marca da gratuidade.

Tratando dos determinantes da estrutura do mercado, compreende-se que o mercado é não atomizado, já que poucos agentes se fazem presentes num esquema pouco concorrencial. Ainda, é um mercado imperfeito, negociando bens heterogêneos e não substitutos - isso porque cada produção é única criativamente, há grande diversidade de preferências do consumidor (tanto pela temática do vídeo, como pelas diferentes produtoras e atrizes, por exemplo) e é possível explorar diferentes nichos de mercado. Ressalta-se também que com o tempo, as corporações líderes não apenas firmaram acordos com as produtoras de filmes pornô, como começaram a comprá-las e hoje dominam até mesmo uma parcela da produção de conteúdo. Dessa maneira, não há livre mobilidade dentro da IP. Para mais, há falta de transparência, já que as informações não são compactuadas por todos os indivíduos presentes na estrutura mercadológica. Tal fato prejudica o entendimento e análise do negócio por agentes externos, dificulta o possível controle por entidades governamentais e lesa os trabalhadores que integram o mercado, que não têm conhecimento completo de como funciona o negócio.

Isto posto, averígua-se que poucas empresas concorrentes e interdependentes mútuas dominam o mercado, e existem barreiras à entrada. Pode-se dizer que a maior barreira é a tecnológica, pois além do elevado volume de capital requerido para o exercício de uma atividade específica (no caso, a produção audiovisual massiva de pornografia), formam-se economias de escala geradas por firmas de grande porte. Essas firmas conseguem suprir sozinhas, e a custos menores, as necessidades do mercado, tornando a situação muito mais vantajosa financeiramente. Vale lembrar que elas estão estabelecidas no ramo desde sua criação, e detém praticamente domínio global dos canais de distribuição - qualquer indivíduo pode criar um novo site, claro, mas há um nível de confiança cibernética que apenas as empresas que concentram o poder de mercado conferem ao consumidor. Esse é o motivo pelo qual, por exemplo, sites menores de conteúdo adulto pagam tanto em propaganda de redirecionamento dentro das plataformas maiores. Adicionalmente as grandes empresas possuem direitos autorais sobre os vídeos que distribuem. Esses direitos podem se estender aos direitos de imagem da atriz, que podem incluir uso restrito, e então apenas uma produtora ou plataforma teria direito à imagem por tempo determinado ou poderia proibir seu uso em outros domínios (e, como veremos, a atriz divulgada pode ser um fator decisivo da preferência do consumidor).

Diante de todas essas características, só podemos estar de frente com um oligopólio. Sendo essa a estrutura mercadológica, é lógico imaginar que as empresas têm capacidade de auferir lucros mesmo em longo prazo, uma vez que o que impede isso em outras estruturas é a

livre mobilidade. Esse lucro é dado pela exploração da mais-valia: os trabalhadores costumam ganhar um pagamento fixo por filme ou vídeo, e esse valor não se altera mesmo em caso de bombar em visualizações, que, como vimos, aumenta o multiplicador de renda gerada para as companhias dominantes. O resultado é um superfaturamento das plataformas em nome de atrizes que se expõe e se arriscam física e mentalmente por um pagamento inequitativo.

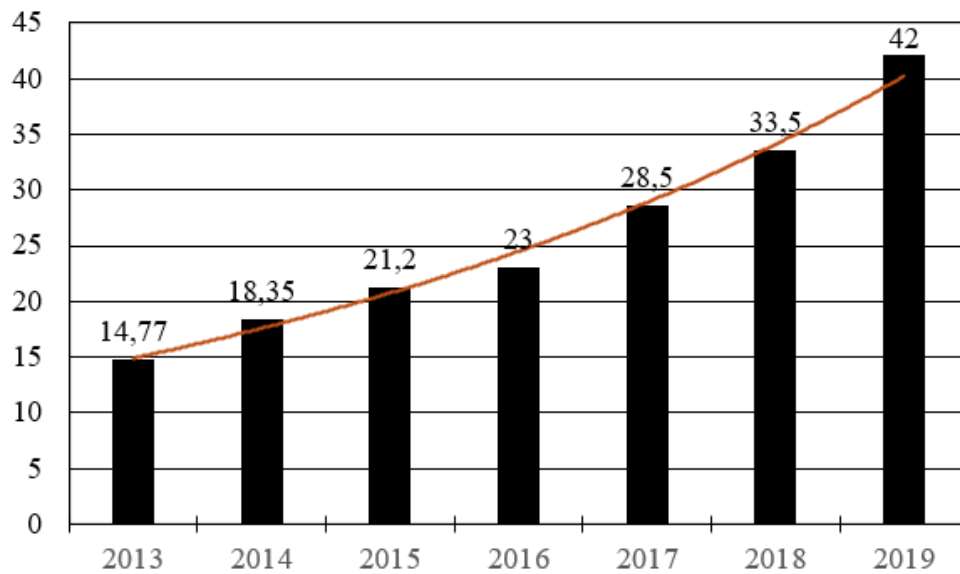
Por fim, um ponto que já foi destacado algumas vezes é a ausência da intervenção estatal, que é um sinal de alerta quando se trata de um oligopólio. Veja, é importante ressaltar que pelo espaço econômico das trocas ser a internet, não é imediato associar o mercado de pornografia como oligopolizado, isto é, pela variedade infinita que as redes podem oferecer, a estrutura é tida como concorrencial - o que é ilusório.

### **3.2 Demanda e Consumo: Análise amostral do Pornhub**

Em um levantamento feito pela Forbes em 2019 sobre os 10 sites mais populares do mundo, apenas um site de conteúdo adulto entrou no ranking: o *Pornhub*, em 8º lugar. Dentre os sites de pornografia, os mais famosos são *Pornhub*, *XVideos*, *XHamster*, *YouPorn* e *Redtube*. Logo, dada a relevância da plataforma, a importância da disponibilidade de estatísticas e tendências anuais dos usuários, fornecidos pelo próprio *Pornhub*, é incontestável, e o tópico analisará alguns desses dados.

O "*Year in Review*" teve a primeira edição em 2013 e os estudos fornecidos pela plataforma permanecem até hoje, assim os dados abaixo vão até o ano de 2023, com exceção de 2020, em que a postagem não foi localizada (e o motivo para sua existência é desconhecido). Por isso, todas as informações com relação a 2020 vieram a partir de citações no corpo do texto de relatório de outros anos. Alguns dados anteriores a 2013 conseguiram ser extraídos da análise comemorativa de 10 anos do site, "*Celebrating 10 years of Porn... and Data*", publicada em 2017. Os principais números e termos citados foram recolhidos individualmente de diferentes relatórios, e agrupados pela autora desta monografia, nos gráficos 1 a 6 e tabelas 1 e 2.

*Gráfico 1: Número de visitas ao Pornhub por ano (2013-2019) (em bilhões)*



Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

Elemento que sempre dava início às pesquisas, o número de visitas por ano, parou de ser divulgado pelo Pornhub a partir de 2019. Mesmo assim, no intervalo disponível observa-se uma base de usuários massiva - esse dado sozinho sugere que o site ocupa uma posição entre os serviços mais populares e amplamente utilizados do mundo.

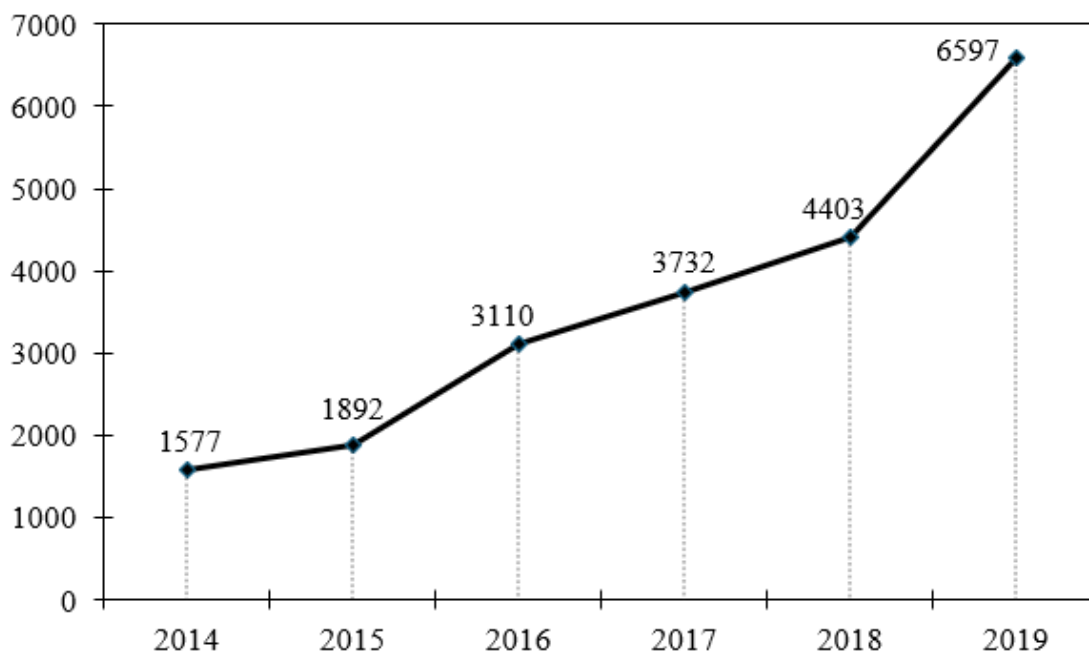
No gráfico 1, vê-se que de 2013 a 2014 o crescimento percentual foi de aproximadamente 24,2%, no ano seguinte 15,5% e após esse, 8,5%. À primeira vista, a diminuição do ritmo do crescimento poderia indicar que a plataforma estivesse caminhando para a estagnação, mas então de 2016 a 2017 o ritmo inicial é retomado, numa subida de 23,9%, seguida por uma de 17,5% e então a maior percentualmente, 25,37%. Entre o ponto inicial e o final no gráfico, o tráfego quase triplicou.

Adicionalmente, segundo o relatório comemorativo de 10 anos, publicado em 2017 pela plataforma, o site alcançou a marca de 1 milhão de visitas por dia pela primeira vez em novembro de 2007, em seu ano de lançamento. Ainda em julho do ano seguinte, o Pornhub recebia 5 milhões de visitas diárias (portanto cinco vezes mais em apenas 8 meses), dobrando no ano seguinte para 10 milhões, possivelmente porque, entre um período e outro, o site também ficou disponível para celulares. Em 2012, alcançou a marca de 25 milhões de visitas por dia, poucos meses depois de lançar a versão do site em tablets e no mesmo ano em que vídeos em HD passaram a ser publicados. Em fevereiro de 2015 começam a registrar visitas diárias de 50 milhões e finalmente 75 milhões em 2017.

Embora o crescimento exponencial seja frequentemente associado a aumentos muito rápidos e explosivos, os números indicam um padrão consistente de crescimento, aumentando progressivamente o número de acessos a cada ano. Isso sugere que o site está atraindo mais usuários e aumentando sua base de usuários ao longo do tempo. O padrão demonstrado pela plataforma é moderado, porém significativo, e por esse motivo o crescimento observado pode ser considerado exponencial, e tem altas probabilidades de ter se mantido nos anos que se seguiram. Para fins comparativos, o XVideos, concorrente direto do Pornhub, recebia em 2019 aproximadamente 4,4 bilhões de visitas mensais (Pyne, 2019), ou seja, cerca de 52,8 bilhões por ano, mais de 10 bilhões a mais que o Pornhub, no entanto, ao contrário do site analisado no gráfico acima, o XVideos não disponibiliza dados com tanta facilidade.

Adiciona-se que, todo ano, a quantidade de acessos é afetada por grandes feriados, tais quais o Ano Novo, Natal, Páscoa, ou outros feriados próprios de cada país. Grandes eventos esportivos (como a Copa do Mundo, o *Super Bowl*, Jogos Olímpicos ou NBA), premiações (como *Golden Globes* e *Grammy Awards*) ou ainda lançamentos de filmes ou uma nova temporada de uma série de TV também costumam afetar negativamente o tráfego online. As quedas giram em torno de 40%, impacto significativo no consumo.

Gráfico 2: Dados Transferidos Anualmente no Pornhub entre 2014 e 2019 (em petabytes)



Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

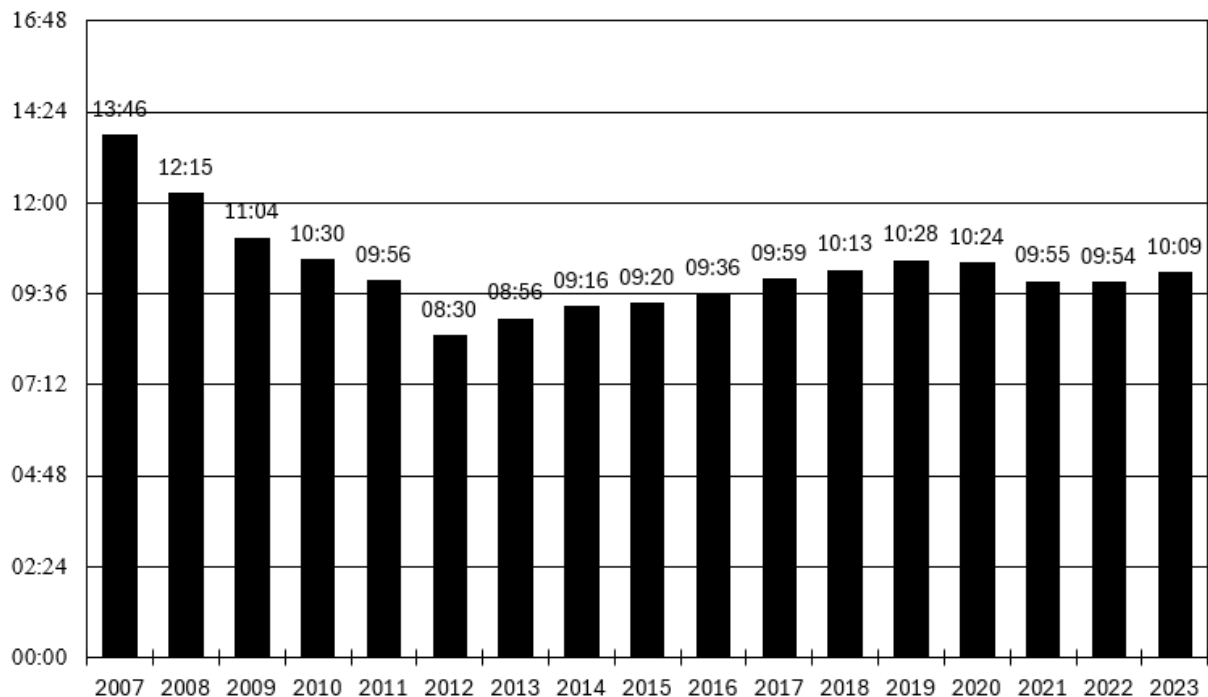
Em primeiro lugar, “bytes” são a unidade fundamental de medida de armazenamento de dados em sistemas digitais. Eles são utilizados para medir o tamanho de arquivos digitais,

capacidade de armazenamento de dispositivos de armazenamento, e para quantificar o tamanho de dados transmitidos pela internet. Nessa escala de medida, 1 “*petabyte*” equivale a 1 quatrilhão de *bytes*. Dentro de um streaming de vídeo, assim que o usuário reproduz um conteúdo, significa que dados estão sendo transferidos da plataforma a ele, movimentando *bytes*. Ao observar o Gráfico 2, em 2014 o Pornhub foi capaz de movimentar 1.577 *petabytes*, uma quantidade notável de dados, e muito além do que a maioria dos serviços de *streaming* de vídeo ou qualquer outro tipo de plataforma online movimentaria no mesmo período de tempo.

Mas a quantidade não parou ali: no ano seguinte a movimentação cresceu aproximadamente 20% e então um grande salto de 64,5%, entre 2015 e 2016. Nos anos seguintes ocorreram subidas de 20% e 18%, respectivamente, e finalmente entre 2018 e 2019 outro salto, de 49,9%. Do primeiro ano até o último ano, o crescimento foi de aproximadamente 318,3%. Portanto, os números indicam uso intensivo e contínuo do *streaming*.

É importante notar que os gráficos 1 e 2 demonstram que em nenhum ano houve queda ou retração da atividade, através dos números de acesso e dados transferidos. Aliás, se tratando de números com tal magnitude, prova-se um crescimento robusto e consistente, e por isso acredita-se fortemente que essa tendência tenha se mantido até o presente, mesmo que não seja mais divulgada.

Gráfico 3: Tempo Médio por Visita em Minutos (2007-2023)



Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

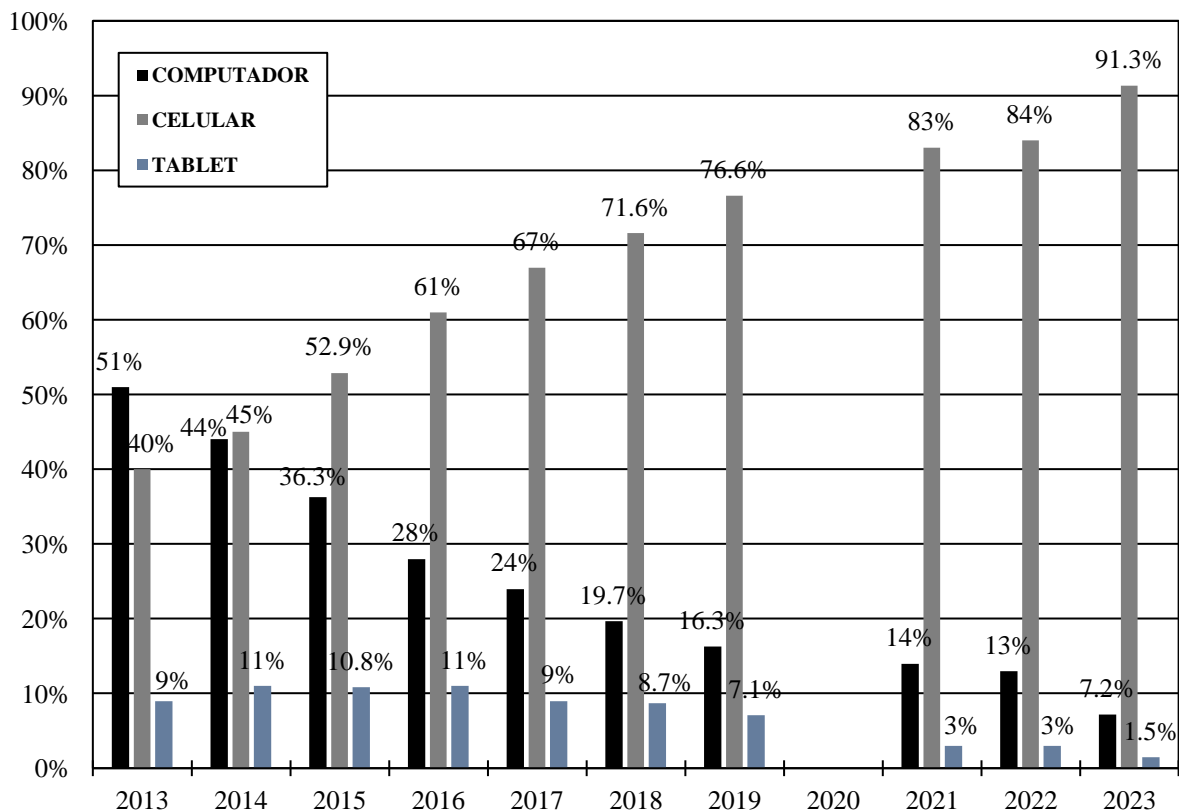
No Gráfico 3 exprime-se o tempo médio que um usuário passa na plataforma cada vez que visita. O dado diz mais respeito ao perfil do consumidor do que a popularidade, uma vez que podemos observar uma correlação de crescimento entre os dados dos gráficos 1 e 2, mas nenhuma semelhança quanto ao ritmo de crescimento quando acrescentamos o gráfico 3, no mesmo período de tempo.

O período em que os usuários passaram mais tempo assistindo foi assim que o site foi ao ar, em 2007, e então o tempo de acesso entre esse ano e 2010 esteve em patamares que não voltaram a ser alcançados pelos 13 anos consecutivos.

Curiosamente, justamente na pandemia, período em que era esperado certo aumento no tempo de acesso, já que a maioria da população estava em *lockdown*, na verdade foi o ano em que a tendência de crescimento parou de subir e o tempo de acessos diminuiu pela primeira vez em 7 anos, em 2021. Somente no ano de 2023 a subida só será retomada.

Numa média de 09:43 minutos, o consumidor de pornografia tende a passar um curto período de tempo no site, mesmo que acesse com frequência.

Gráfico 4: Tráfego por aparelho utilizado para acessar o Pornhub (%) (2013-2023)

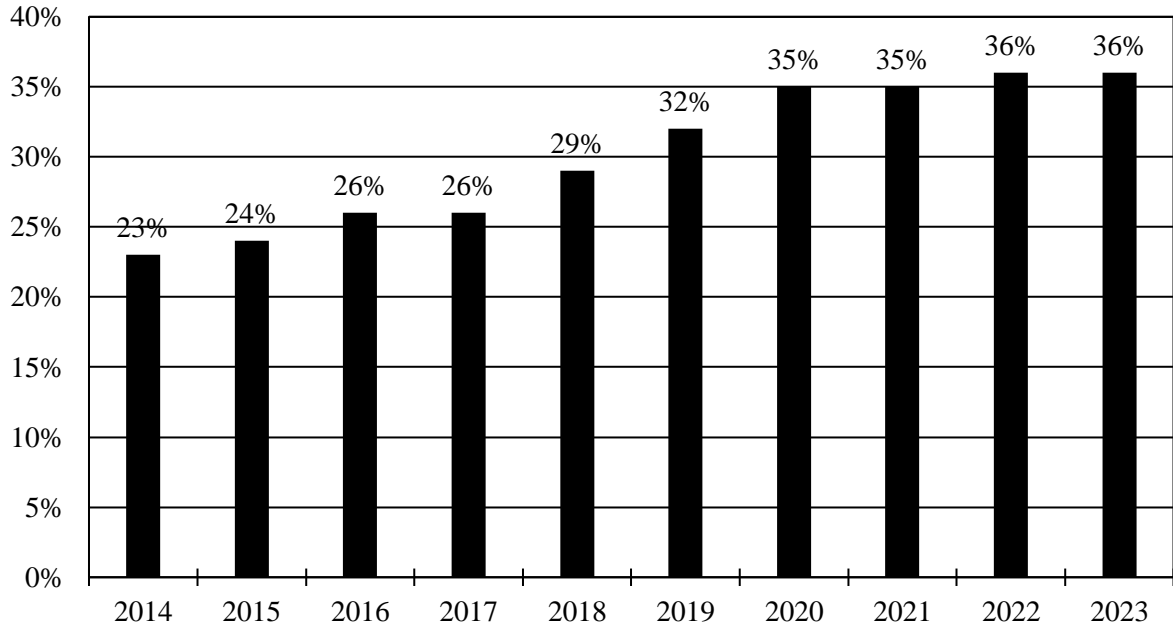


Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

Com o passar do tempo, assim como demonstrado no gráfico 4, o público diminuiu gradualmente o uso do desktop para consumir conteúdo adulto, ao passo que aumentou o do aparelho móvel. Vale ressaltar que essa tendência teve início logo em 2013: em outubro daquele ano, a plataforma registrou a primeira vez em que visitas por aparelho celular superaram as visitas de *desktop*. Contudo, no conglomerado anual, o volume de visitas pelo computador ainda foi maior. No corpo do relatório, o Pornhub também informa que em 2008, 99% dos acessos eram feitos por computador e 1% por celular - esse dado unido ao resultado de 2023 mostra uma inversão total dos acessos, que agora são dominados pelo celular em 91%.

O comportamento dos usuários acompanha uma tendência natural da evolução da tecnologia, de tal modo que, do início ao fim da amostra, a porcentagem de tráfego pelo *desktop* sai de 51% (o maior entre as três modalidades) para aproximadamente 7,2%, enquanto o de celular vai de 40% a 91,3%. O tráfego por tablet é o único que se mantém razoavelmente estável entre 2013 e 2019, numa média de aproximadamente 9,5%, e despencou mais do que pela metade no período seguinte.

*Gráfico 5: Proporção de visitantes do público feminino (2014-2023) (em %)*

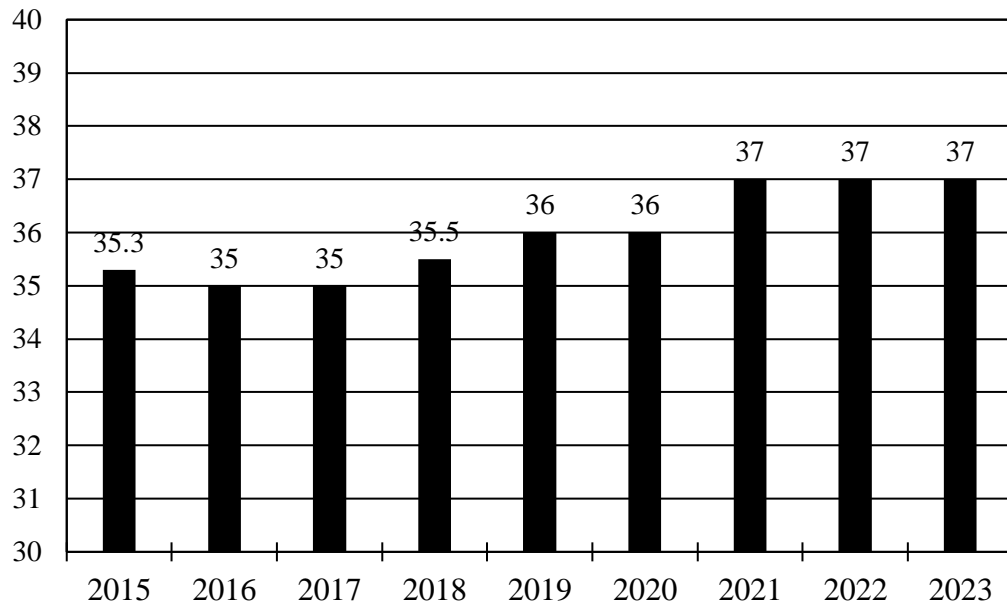


Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

O gráfico 5 revela mais uma característica sobre o perfil do consumidor de conteúdo adulto, a de que o público é majoritariamente masculino. O padrão de crescimento do público feminino existe, mas é muito baixo, e tende a entrar em períodos de estagnação, como em 2016-2017, 2020-2021 e 2022-2023. Logo, pode-se concluir que homens são não só o público-alvo

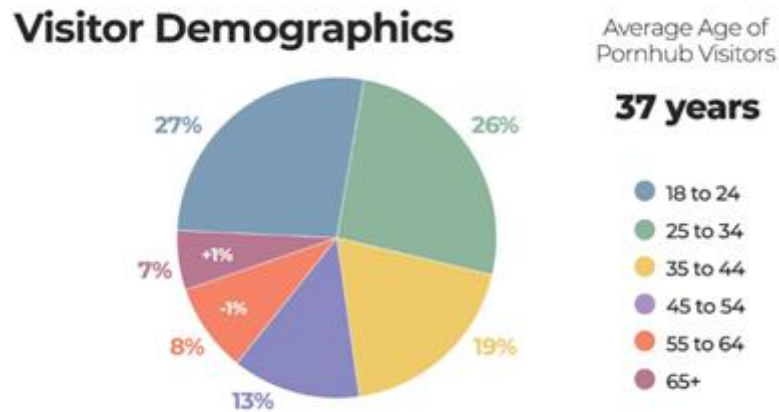
do conteúdo, como também a parcela da população que mais tem interesse em consumir pornografia online.

*Gráfico 6: Idade média do usuário do Pornhub (2015-2023)*



Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

*Gráfico 7: Demografia dos visitantes do Pornhub em 2023*



Fonte: Pornhub (2023).

O gráfico 6 evidencia a idade do público-alvo do Pornhub, que é entre 35 e 37 anos. Vê-se que a idade média foi aproximadamente 35 anos por quatro anos seguidos, entre 2015 e 2018, um ano a mais entre o período seguinte, 2019-2020 e por fim 37 anos por mais três anos, nos anos de 2021 a 2023. Em oito anos a média de idade só aumentou em dois anos, o que significa que não é mesmo público acompanhando o conteúdo adulto, caso contrário, a idade média teria aumentado progressivamente.

Fazendo relação direta ao gráfico 6, o gráfico 7 detalha a demografia por idade conforme o volume de usuários por faixa etária, em que é possível verificar que, na realidade, jovens de 18 a 24 anos constituem a maioria dos acessos, com 27%, seguidos pelos jovens adultos de 25 a 34 anos, com apenas um ponto percentual abaixo. Na terceira posição encontra-se a faixa etária em que se encontra a idade média, dos 35 aos 44 anos de idade, e próximo a ele a faixa etária imediatamente acima, 45 a 54 anos. Finalmente, os dois menores grupos, com 8% e 7% respectivamente, referente às idades de 55 a 64 e 65 anos ou mais.

Esse índice é de 2023, mas a equipe de pesquisadores da plataforma divulga esse ampliamto da demografia desde 2015, assim é possível analisar outras tendências. No primeiro ano jovens entre 18 e 24 anos representavam a maioria dos usuários, até 2017, ano em que foram ultrapassados pelos jovens adultos (25-34) por três pontos percentuais, e se mantiveram ali até 2021, quando foram desbancados no ano seguinte pelos jovens novamente, que permaneceram ali até 2023. Com estatísticas muito próximas, pode-se dizer que essas duas faixas etárias intercalam entre primeira e segunda posição, mas também sempre são elas que constituem a maioria dos acessos. Adicionalmente, os demais grupos etários, ao longo do período analisado, ocuparam as mesmas posições demonstradas no gráfico 7. O que isso esse padrão indica é que, independentemente do período no tempo, determinadas idades estão mais inclinadas a consumir pornografia do que as demais, assim, o público-alvo são jovens e jovens adultos (18 a 34 anos).

*Tabela 1: Termos mais buscados no Pornhub mundialmente (2012-2023)*

Rank	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
1°	Teen	Teen	Teen	Lesbian	Lesbian	Lesbian	Lesbian	Japanese	Japanese	Hentai	Hentai	Hentai
2°	Milf	Milf	Lesbian	Teen	Step Mom	Hentai	Hentai	Hentai	Hentai	Japanese	Japanese	Milf
3°	Anal	Compilation	Milf	Step Mom	Milf	Milf	Milf	Lesbian	Lesbian	Lesbian	Milf	Lesbian
4°	-	-	Step Mom	Cartoon	Teen	Step Mom	Step Mom	Milf	Milf	Milf	Lesbian	Japanese
5°	-	-	Mom	Milf	Step Sister	Step Sister	Japanese	Korean	Asian	Pinay	Pinay	Pinay

Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

Referente a tabela 1 acima, na primeira edição da pesquisa, em 2013, só foram divulgados os primeiros três lugares no ranking, e vinte a partir de 2014, mas para montar a tabela julgou-se necessário até a quinta posição. Nela, nota-se frequência em diversos termos, que não só tendem a se repetir como também, continuamente, permaneceram no topo das pesquisas, apesar de se passarem mais de dez anos.

Primeiramente, "*teen*" mantém-se firme na primeira colocação por três anos consecutivos, descendo para segunda, quarta, e então saindo do ranking em 2017, ainda que tenha se mantido entre as dez primeiras colocações, segundo a fonte. Apesar da plataforma explicitar que os vídeos na categoria *teen* são maiores de idade interpretando o papel de adolescente, o problema mora no fato de que vídeos sexualizando menores de idade sequer existem, agravado pelo resultado das pesquisas que apontam a alta procura (logo, provavelmente em resposta uma ampla oferta) desse conteúdo.

A seguir, o termo "*lesbian*" inaugura uma alta posição no ranking em 2014, no segundo lugar, e logo no ano seguinte chega ao primeiro lugar, onde permaneceu pelos próximos três anos. Em 2019, cai para a terceira posição, onde se mantém pelo ano seguinte, caindo para quarto lugar em 2022, e então retornando para o terceiro em 2023. A princípio, a alta procura poderia indicar que o público fosse majoritariamente feminino e parte da comunidade LGBTQIA+, entretanto, a plataforma deixa claro que as pesquisas do termo estão, também, no topo das procuradas por homens, usualmente nas mesmas posições da média global na tabela 1. Por isso, aponta-se mais uma problemática além da sexualização infantil: a fetichização de mulheres lésbicas nos sites de pornografia.

Nesse contexto, também há a repetição de muitos termos associados a parentesco, e, tendo em vista que grande parte dos casos de violência contra a mulher vem do próprio parentesco, a popularidade dos termos levanta alerta. O primeiro deles, "*milf*", associado a mães, por mais que varie ao longo do período, não chegou a sair dos cinco mais buscados em nenhum ano. Já "*step mom*", que apareceu em 2014, subiu ano a ano até 2016, quando decaiu a quarta posição em 2017, onde se manteve por mais um ano até deixar o ranking (mas ainda se mantendo entre os mais procurados, segundo a fonte). Outros termos relacionados também se destacam, como "*step sister*" na tabela acima, e outros relacionados a irmã, mãe, prima, ou qualquer outro parente feminino, entre os vinte mais procurados todo ano.

Finalmente, os usuários demonstram um comportamento de fetichização também para com a etnia asiática. O termo mais procurado foi "*japanese*", que adentra o ranking em 2015, na quinta posição e no ano seguinte para a primeira, onde se mantém por dois anos, e em seguida dois anos em segundo lugar, finalizando em quarto, em 2023. Com relação direta, "*hentai*", isto é, estilo de *anime* ou mangá japonês, entrou em 2017 em segundo lugar, onde se manteve por quatro anos, em primeiro por mais três anos. Também se vê "*asian*", "*korean*" e "*pinay*" (que significa "mulher filipina").

É importante destacar que o que está retratado acima são palavras mais buscadas, mas que a plataforma também acompanha os temas com grande popularidade no ano, que são, de

modo geral, influenciadas pela cultura pop, pela grande mídia e por outros eventos populares em todo o mundo. São geralmente tendências virais da internet, de popularidade temporária, que afetam as pesquisas e preferências dos usuários, como "Star Wars" e "VR" (*virtual reality*) em 2015, "fidget spinner" em 2017, "ASMR" e "alien" em 2019, e "gender" e "feet" em 2022.

*Tabela 2: Tráfego no Pornhub anualmente por país (2013-2023)*

Rank	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021	2022	2023
1°	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA	EUA
2°	RU	RU	RU	RU	RU	RU	Japão	Japão	RU	RU	Filipinas
3°	Alemanha	Canadá	Índia	Canadá	Índia	Índia	RU	RU	Japão	França	França
4°	França	Índia	Canadá	Índia	Japão	Japão	Canadá	Canadá	França	Japão	México
5°	Itália	Alemanha	Alemanha	Japão	Canadá	Canadá	França	França	Itália	Filipinas	RU
6°	Brasil	França	França	França	França	França	Alemanha	Alemanha	México	México	Japão
7°	Espanha	Itália	Austrália	Alemanha	Alemanha	Alemanha	Itália	Itália	Canadá	Itália	Alemanha
8°	México	Austrália	Itália	Austrália	Austrália	Itália	Filipinas	Filipinas	Alemanha	Alemanha	Itália
9°	Japão	Brasil	Brasil	Itália	Itália	Austrália	Austrália	Austrália	Filipinas	Canadá	Canadá
10°	-	México	México	Brasil	Brasil	Filipinas	México	México	Brasil	Brasil	Brasil

Fonte: Pornhub (vários anos). Elaboração própria.

A tabela 2 ilustra mais uma característica do consumidor, isto é, de onde ele é: nessa ótica, 5% dos países do mundo dominam cerca de 80% das visitas à plataforma (Pornhub, 2023). É importante ter atenção ao ano de 2020, que não foi publicado oficialmente, mas que foi citado na publicação do ano seguinte - que é idêntico ao ano anterior a ele, e por esse motivo, a autora dessa monografia acredita não ser um dado confiável, sabendo que em nenhum outro período em dez anos isso se repetiu. Ainda, a fonte divulgou apenas os primeiros nove colocados no primeiro ano de pesquisa e nos demais, vinte.

A maioria dos países na tabela se mantiveram nas primeiras dez posições, mesmo com leves variações, demonstrando forte preferência ao consumo de conteúdo adulto com relação aos demais. Alguns países que são importantes nessa análise são os Estados Unidos, que nunca deixou o primeiro lugar, e o Reino Unido, que poucas vezes deixou de ocupar o segundo. Não coincidentemente, são nesses lugares em que a produção de pornografia é mais comum e que se observou, pela primeira vez, o surgimento de fortes movimentos de trabalhadoras sexuais. Até mesmo o Brasil, que ocupou posições mais baixas, é um imenso consumidor global, já que está entre a pequena parcela que domina o tráfego do Pornhub - foi, por muito tempo, o décimo, entre 193 países.

Complementarmente, os dados divididos por país, fornecidos pela fonte, apontam que é comportamento comum dos nativos pesquisarem sua própria nacionalidade. Entretanto, ao observar o caso das Filipinas, a relevância do país, estatisticamente, se deu em 2014, quando entrou pela primeira vez no ranking dos vinte maiores países, e depois em 2018, em décima

posição, ao passo que o termo "*pinay*" sequer esteve entre os vinte mais procurados durante todo esse período - sua primeira aparição foi em 2021, três anos depois, no ano em que Filipinas caiu uma posição. Em 2023, quando o país chega à segunda posição global, apenas atrás dos Estados Unidos que nunca deixou sua posição, "*pinay*" não demonstrou nenhum movimento na pesquisa a não ser manter a posição em que já estava nos últimos dois anos. Movimento similar é observado no Japão: as altas de popularidade de "*japanese*" nem sempre coincidem com o aumento do tráfego de japoneses, o mesmo com a queda. Exemplo disso é quando o Japão deu um salto nas visitas, chegando à quinta posição global depois de anos fora do top 10, em 2016, e o termo não entrou na lista de mais populares. Ou então quando saltou mais uma vez no ano seguinte para o quarto lugar, e o termo ainda assim não entrou para os cinco mais procurados. Para mais, não há justificativa para a popularidade de "*korean*", por exemplo, já que a Coreia do Sul nunca conseguiu uma posição entre os vinte que mais visitam, e até para a alta procura de "*asian*", sabendo que quase a totalidade do ranking é composta por países ocidentais. Isto posto, o paralelo entre as duas tabelas fortifica o argumento de que os termos realmente são fonte de fetichização, apesar de também estarem presentes nas buscas de nativos.

### 3.3 Custo, Salário e Lucro

É difícil mensurar com precisão o tamanho dessa indústria, bem como seu o lucro distribuído e o salário pago aos trabalhadores. O tópico explora duas tentativas de estimativa: Saikat Pyne, em seu artigo "*This is How Porn Sites Make Money*", publicado em 2019 no *Business Insider India*, e o livro "*The Pornography Industry: What Everyone Needs to Know*", de Shira Tarrant, 2016.

Segundo Pyne, a IP tem um valor estimado em 100 bilhões de dólares, cerca de 25 milhões de sites pornô (12% de todos os sites da internet) e 30% de todo o tráfego online. O Vale de São Fernando, Califórnia, lugar de maior concentração de produtoras audiovisuais como *Warner Bros* e *Disney*, também conhecido como "*Porn Valley*", dada a notória concentração de empresas de entretenimento adulto, produz cerca de 11 mil *hard-core* filmes por ano.

O autor destaca que, apesar da percepção do público, o conteúdo gratuito é apenas um de uma grande gama de produtos oferecidos pelo site: as opções de conteúdo premium, que incluem vídeos em HD, nenhum anúncio ou pop-up, downloads ilimitados, streaming online de câmera ao vivo, vídeos de porn stars que demoraram meses para entrarem na seção de vídeos gratuitos, entrega de conteúdo em seus e-mails ou endereços físicos, entre outros, oferecem uma conveniência atrativa para milhões de assinantes. As plataformas propõem diversas opções de

pagamento, diário, semanal, mensal trimestral e anual, de maneira que quanto mais tempo o usuário se inscreve, maiores são os descontos e a fidelidade é conquistada. Outra maneira de fazer dinheiro é através da monetização dos vídeos e estimulando o tráfego para outros sites de conteúdo pornográfico ou que ofereçam serviços próximos, criando uma rede de interligações lucrativas entre empresas, que permite o financiamento de clipes gratuitos ofertados, por exemplo. Para mais, com as empresas de TV aderindo as recentes TVs 3D e telas *Smart LED*, alguns dos mercados pornográficos mais maduros, a pornografia 3D estreou na arena pornográfica global. As plataformas também promovem eventos onde o público pode conhecer suas estrelas pornô favoritas, muito comum nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália. Por fim, grandes redes de hotéis como Marriott, Hilton e Westin contribuem em grande escala para o lucro das plataformas, sem sequer mencionarem o mesmo em seus relatórios oficiais: ao ofertar "entretenimento de quarto", mantêm disponíveis vários títulos para adultos, ao redor de todo o mundo, e uma parte do dinheiro que os hóspedes pagam é encaminhado para os estúdios.

No que tange o custo de produção, a função depende de uma série de fatores. Aqui destaca-se o orçamento, a localização e o pagamento de salários, não só dos atores como também da equipe técnica e demais serviços – distribuidores de alimentos, maquiadores, seguranças, contadores, advogados, publicitários e trabalhadores de bastidores. Adam Grayson, chefe financeiro e ex-ator, destaca que não importa onde o conteúdo é gravado, ou então se é legal ou ilegal, e sim que no mercado de produção pornográfica há pouca produção de ponta quando pensa-se em *mainstream* nos dias de hoje – de tudo que é produzido atualmente, estima-se que 95% são “gonzo shoots”, expressão que se refere a produções mais simples, como citado por Grayson. Isso significa que há uma equipe mínima contratada, menor valor de produção e, portanto, menor custo de produção. Algumas empresas ainda usam meios de produção mais elaborados, mas é muito incomum devido às mudanças na tecnologia, na indústria e na economia em geral.

O Vale de São Fernando, considerado o berço dos filmes pornográficos, é escopo de pesquisa da autora Shira Tarrant (2016), que calcula o custo médio de 150 dólares por membro da equipe técnica por cena, entre 100 e 150 dólares por maquiador, também por cena, enquanto os operadores de câmera ganham entre 500 e 700 dólares, e engenheiros de som entre 200 e 400. O diretor do filme pode ganhar até 4 mil dólares por ano, enquanto os atores ganham em média 100 dólares por hora, e até 1 mil por dia. Já o custo de aluguel dos equipamentos se encontra entre 600 e 800, os demais custos de produção depende de quais acessórios podem ser utilizados durante as cenas, se há alimentação para os atores e demais membros da equipe e aluguel do local de gravação.

Já na ótica do trabalhador, como atualmente não existem sindicatos na indústria de conteúdo adulto, a jornada de trabalho não é regulamentada e, não havendo um valor mínimo regulamentado, a remuneração pode variar de ator a ator e de empresa para empresa. Vale ressaltar também que o valor pago aos atores é baseado numa taxa fixa, combinado antes do início das gravações, independentemente de o filme vender bem ou não, enquanto a captação de lucro da empresa pode variar conforme maiores visualizações e acessos, de modo que o salário do ator, muitas vezes, representa uma parcela muito pequena do lucro acumulado pela empresa que produz o conteúdo ou pelo publicador, além da perda do seu direito de imagem, anonimato e privacidade, permanentemente. Outra característica do mercado é que homens são contratados mais frequentemente, mas mulheres tendem a ganhar salários maiores.

A taxa de remuneração para os trabalhadores pode variar muito dependendo do contrato, da empresa contratante, do tipo de cena exigida, da raça e gênero do ator e, muitas vezes, da experiência ou notoriedade do ator. Por sua vez, o salário anual também pode variar muito com base na frequência com que eles são contratados para trabalhar – tais estimações anuais são quase impossíveis de generalizar porque o pagamento varia de caso a caso e a frequência de filmagem é impossível de prever. Para facilitar a visualização, a *Xbiz Magazine* reportou numa pesquisa com 250 atrizes ‘*in-demand*’ (aquelas que estão no auge da carreira ou apenas frequentemente contatadas para gravações) que estas gravavam de 100 a 150 cenas por ano, para a maioria, entretanto, a frequência de trabalho tende a ser bem menor.

Ainda, há uma relação entre diferenças salariais e assimetria de informações disponíveis – atores nem sempre revelam o que ganham, e indústrias contratantes não precisam reportar quanto pagam a nenhuma autoridade. Antiga performer e atual diretora de filmes, Stoya, entrevistada por Tarrant (2016), alega que a falta de transparência no que tange pagamento das atrizes faz com que as trabalhadoras muitas vezes subvalorizem seu trabalho. Incluindo transporte e teste médico dos atores, Stoya reporta que paga um valor entre 155 e 210 dólares. Frequentemente, atores pardos e negros ou acima do peso denunciam ganhar menos que os demais atores: Mireille Miller-Young, também citada no livro de Tarrant (2016), documentou que nos Estados Unidos, mulheres negras são pagas entre 50 e 75% do pagamento oferecido a mulheres brancas para o mesmo tipo de cena, nas mesmas produtoras.

Como mencionado, San Fernando Valley na Califórnia é o maior produtor de conteúdo explícito audiovisual. Emprega, sozinho, 20 mil pessoas. Lá, em média, os ‘performers’ ganham entre 200 e 1.200 dólares. É crucial salientar que o pagamento por atores nos Estados Unidos é muito mais alto do que aqueles reportados na Alemanha, Canadá, Austrália e Reino Unido, por exemplo. Em países como o Brasil ou Hungria, o pagamento é considerado relativamente alto

quando comparado aos níveis de renda e salário-mínimo do país, mesmo assim, quando postos em perspectiva com os valores pagos nos Estados Unidos e níveis de renda do país, ainda há muita disparidade.

### 3.4 Estigmas sociais da normalização da pornografia

É fácil desprezar a pornografia como "apenas entretenimento", não contendo nenhuma significância ou impacto "real". Sua presença onnipresente em tantos aspectos das nossas vidas significa que a pornografia é uma rica fonte para estudar as formas como ideias de gênero, raça, classe, (padrões de) beleza, e sexo são construídas, difundidas e mantidas. Pornografia tem estado no centro da legislação, dos processos judiciais e do debate público. É o local em que a controvérsia legal entre liberdade de expressão e censura colidem. Pornografia impacta tanto políticas públicas como a vida privada. Pode ser entendida como um fenômeno sociológico, tendo o potencial de impactar questões centrais para a cidadania social.<sup>1</sup> (Tarrant, 2016, p. 5) (Tradução nossa)

A citação da autora acima ilustra com precisão a ótica pela qual devemos averiguar a interferência da pornografia nas relações sociais. A vastidão da internet como meio de comunicação e acesso à informação permite que indivíduos de todas as idades tenham acesso a uma gama quase infinita de conteúdos com facilidade. Conforme ascendia, a internet moldou as experiências de várias gerações e se tornou parte integrante na formação da perspectiva individual e coletiva da realidade, tão logo afetando as habilidades cognitivas, emocionais e comportamentais dos indivíduos na sociedade. A preocupação começa quando inserimos em perspectiva que o conteúdo audiovisual explícito também está amplamente disponibilizado a qualquer indivíduo, de tal maneira que, mesmo que ainda existam pessoas que não consumam regularmente, o efeito sob a sociedade permanece e se intensifica em paralelo ao avanço tecnológico.

Nesse contexto, o primeiro contato do homem com experiências sexuais tende a começar com o consumo de pornografia – estima-se que 90% da população masculina é exposta a ele desde a menoridade e que cerca de 70% desses consumidores volta a acessar mais de uma vez por mês (Hersh, 2016). Isso significa que os homens crescem tendo acesso à conteúdo explícito como e quando preferem, ao simples alcance de um botão, sem se preocupar com as repercussões reais que terão ao realmente interagir sexualmente com uma mulher, o que pode acontecer só depois de anos consumindo o conteúdo idealizado. Vale ressaltar que a infância e

---

<sup>1</sup> "It is easy to dismiss pornography as "just entertainment", not containing any "real" significance or impact. Its ubiquitous presence in so many aspects of our lives means that pornography is a rich source for studying the ways in which ideas about gender, race, class, beauty (standards), and sex are constructed, conveyed and maintained. Pornography has been at the center of legislation, lawsuits, and public debate. It is the site where legal controversy over free speech and censorship collides. Pornography impacts both public politics and private life. [It] can be understood as a sociological phenomenon, having the potential to impact matters that are central to social citizenship."

adolescência do público são marcadas pela falta de educação sexual nas escolas, e naquelas em que se faz presente, pouco é abordado sobre consentimento, violência sexual e tópicos similares, por ser considerada um tabu (Farley, 2023).

Sendo a pornografia introduzida numa fase essencial de crescimento e desenvolvimento das ideias do homem, dois conceitos básicos podem não ser formados pelo público masculino: mulheres tem suas próprias necessidades e desejos, no mesmo pendur que tem seus próprios limites. Quando tomamos o exemplo de homens que afirmam terem cometido estupro sem entender que aquilo é um abuso, é evidente que isso não justifica a violência (que deve ser, sem nenhuma exceção, punida), mas absorver a fala é entender que o consumo de conteúdo explícito se tornou tão aderente ao desenvolvimento da população de modo geral, que agregou ainda mais à compreensão cultural fundamental do que sexo deveria representar – no caso, reafirmação da subserviência feminina e objetificação da mulher. Resultado disso é refletido na frustração dos homens ao praticar o ato sexual na vida real - cerca de 30% dos homens britânicos acima de 16 anos admitem que o sexo não correspondeu às suas expectativas criadas consumindo pornografia, por exemplo (Tarrant, 2016).

As cenas dos cliques costumam ser violentas, e é parte do roteiro a humilhação e dominação do homem sobre a mulher. Amanda Pinto (2018) aponta que os vídeos normalmente apresentam práticas violentas, com foco sempre no prazer masculino, enquanto o feminino não é demonstrado, apenas subentendido. Além disso, os entrevistados na pesquisa de Pinto relataram um aumento do uso de violência em relação às atrizes e de como esta violência torna os vídeos mais populares - muitos já consumiam pornografia por anos consecutivos, e notaram um aumento da violência cada vez maior, em espaços menores de tempo, e admitem que quanto mais agressivo, mais interessante o vídeo tende a ser. O consumo massivo de violência repercute na desumanização das parceiras, transformando-as em nada mais do que objeto para atingir o próprio prazer.

Sobre o comportamento de submissão feminina na pornografia, é comum o elemento da "resistência simbólica", isto é, a falsa ideia de que a mulher quer praticar o ato sexual, mas age como se não o quisesse, o que acaba por apoiar a ideia de mistificação do estupro. Marcadas por uma resistência da mulher na hora do ato sexual, os vídeos mostram como o homem deve insistir até que a mulher ceda, ou desobedeça a seus pedidos para que pare, por que na verdade é isso que a mulher espera de um homem ao resistir ao ato. Uma vez popularizado, a disseminação desse ideal pode trazer consequências perigosas para casos na vida real. Ainda sobre a cultura de estupro, destaca-se o estudo orientado pela Rape Crisis South London (The Guardian, 2013 apud Padula, 2022) em que, ao digitar "*rape porn*" na busca do Google, 86%

dos resultados são propagandas de vídeos contendo estupro de meninas com menos de 18 anos, 75% incluindo armas ou facas, 43% drogando mulheres e 46% envolvendo estupros por incesto.

Um outro ponto de alerta é a numerosa presença de conteúdo estrelando atrizes muito jovens ou então arranjadas para assumir uma imagem infantil. Vale reforçar os dados analisados no tópico 3.3, em que o termo "*teen*" permaneceu em alta por anos, e continua entre os preferidos nas buscas. A sexualização e fetichização de menores é grave, e sua difusão continua a ser permitida apenas pelo fato de serem realizadas com pessoas adultas, interpretando mais jovens. É claro que isso é uma justificativa por parte das plataformas para não perder o lucro que ganham sobre os vídeos dessa temática, que, como ressaltado, é muito popular, e reforçada pelos consumidores que têm preferência pelos vídeos com essa temática. Numa busca um pouco mais minuciosa, é possível encontrar vídeos com atores infanto-juvenis, que por si só já é, por lei, considerado sequestro de menores. O conteúdo é passível de denúncia, mas a dificuldade de rastreamento dos usuários pode se mostrar uma barreira para realmente haver punição dos responsáveis. A alusão ao estupro e abuso de menores é agravado quando levamos em consideração que a maior parte dos casos de violência contra a mulher vem da própria família ou companheiro, e termos relacionados a parentesco, como visto na tabela 1, também sempre estão entre os mais populares.

Adicionalmente, tendências similares podem ser observadas com a fetichização de mulheres asiáticas, objetificação de mulheres negras e uso de mulheres lésbicas para prazer masculino, baseado nas maiores buscas ao longo dos últimos dez anos no Pornhub (e a explicação para os dois primeiros pode ser explicado segundo padrões históricos, explicitados no segundo capítulo, em que ficou claro a herança da colonização quando se trata de objetificação da mulher).

Ex-professor assistente na Clemson University, Todd Kendall (2008), analisa a variação no uso da internet por estados, nos Estados Unidos, ao longo do tempo, para representar a variação no "preço" do acesso a pornografia. O pesquisador chega à conclusão de que há uma grande diferença entre a velocidade em que cada estado aderiu ao uso da internet, de maneira em que mais pornografia é consumida em estados que aderiram mais rapidamente ao uso de internet. Por sua vez, as variações no consumo coincidem com as taxas de criminalidade: a variação na velocidade de adoção da internet, segundo Kendall, leva a diferenças de taxas de estupro entre estados, provando empiricamente uma relação entre violência e consumo de pornografia. Todas as afirmações feitas pelo autor são difíceis de provar empiricamente, por isso o fato de serem apoiadas por evidências estatísticas torna o estudo ainda mais relevante.

É igualmente relevante a contribuição da professora e pesquisadora Chyng Sun (apud Doran, 2009), que fez parte da equipe de pesquisadores que estabeleceu uma conexão entre pornografia e violência: na amostra analisada, 90% da pornografia *mainstream* continha agressão física e verbal, e mesmo vídeos dirigidos por mulheres não são menos violentos do que aqueles produzidos por homens. As conclusões finais da pesquisa apontam que imagens agressivas são prejudiciais e promovem estereótipos negativos sobre as mulheres, levando ao aumento de casos de violência.

Sugere-se que não há entidades oficiais de regulamentação ou programas governamentais específicos que cacem conteúdos problemáticos não por falta de preocupação, mas pela extrema dificuldade de rastrear a fonte, assim como a maior parte dos crimes cibernéticos. Qualquer conteúdo na internet que fere diretrizes de plataformas ou leis digitais de qualquer país está, sim, sujeita a punição, mas vale lembrar que o conceito de "problemático", nesse caso, é subjetivo: as preferências dos consumidores ditam a demanda e o discurso da liberdade de expressão viabiliza sua produção (vide exemplos acima de sexualização infantil, normalização da cultura do estupro, promoção do incesto, violência contra a mulher, dentre outros). Assim como mostram os dados no tópico 3.2, uma alta quantidade de vídeos é postada e consumida todos os dias, tão logo torna-se impassível a supervisão da totalidade do conteúdo. Isso dificulta a punição dos casos da publicação legal e ilegal de vídeos (como aqueles que contém menores de idade ou a chamada "pornografia de vingança"), pois a equipe policial tende a encontrar barreiras como dificuldade de rastrear o responsável por postar o vídeo e o responsável por sua produção. Além disso, cada país tem suas próprias leis e regulamentos em relação ao conteúdo adulto, criando um desafio para a regulamentação, pois o que é legal em um país pode ser ilegal em outro.

### 3.5 Condições de trabalho e segurança

Sua mente está machucada pelo estupro e outros abusos físicos em seu corpo, que dissolve e se encolhe, buscando refúgio no silêncio; [sua mente] se torna uma cela de prisão dentro dela... Toda invasão ao seu corpo é marcada no cérebro: contusões, escoriações, cortes, inchaços, sangramento, mutilação, fraturas, queimaduras. Cada capacidade do cérebro - memória, imaginação, intelecto, criação, a própria consciência - está angustiada e deformada, distorcida pelos danos físicos sexualizados que meninas e mulheres sustentam<sup>2</sup>. (Dworkin, 1997 apud Mac; Smith, 2018) (Tradução nossa).

---

<sup>2</sup> “Her mind is hurt by rape and other physical assault on her body, it fades and shrinks and seeks silence as refuge; it becomes the prison cell inside her... Every invasion of the body is marked in the brain: contusions, abrasions, cuts, swellings, bleeding, mutilation, breaking, burning. Each capacity of the brain – memory, imagination, intellect, creation, consciousness itself – is distressed and deformed, distorted by the sexualized physical injuries that girls and women sustain.”

A citação acima demonstra o poder que a profissão tem de impactar o corpo e mente da mulher diretamente, transformando-a, aos poucos, na sua própria prisão. Em seus trabalhos, Gail Dines (2010, apud Tarrant, 2016) faz várias referências a "*body-punishment sex*", se referindo ao processo de gravações de pornografia pelo qual as atrizes têm que passar. Durante ele, a experiência de gravar conteúdo pornográfico deixa uma marca de pertencimento da mulher ao homem, e seu valor é reduzido a um simples meio para o fim, que é o prazer do homem. A experiência constrói um tipo de fantasia que é mais similar a assédio sexual do que ao ato sexual propriamente dito - penetradas em todos os orifícios, repetidas vezes, por vários homens, levadas até o limite do que seu corpo consegue aguentar, chamadas por todos os tipos de nomes ofensivos, enquanto devem manter o sorriso e atuar como se estivessem aproveitando ao máximo a cena.

Outras preocupações válidas são os casos de racismo e de mulheres sexualmente abusadas em set. Em relação ao primeiro, não apenas as mulheres negras têm menos oportunidades de trabalho na indústria (já que o público prefere, de modo geral, mulheres brancas a mulheres negras), mas aquelas que são contratadas para os papéis são "*pigeonholed*" (expressão em inglês para aqueles categorizados de forma estreita ou limitada, com base em estereótipos ou preconceitos; ser colocado em um papel específico, sem considerar a totalidade de suas habilidades, interesses ou personalidade), fetichizadas e comumente recebendo um pagamento menor do que o que é oferecido para mulheres brancas (Tarrant, 2016).

Quanto aos casos de abuso em set, relatado com frequência pelas trabalhadoras, o concernimento gira ao redor do fato que, em outro local de trabalho, assédio e abuso sexual seria legalmente acionável, exceto nesses ambientes, que pecam por ausência de regulamentação. O mesmo no que toca ao uso forçado de drogas e violência verbal. Mais do que isso, a profissão traz graves consequências à saúde das atrizes - a expectativa de vida é de 36 anos (Pink Cross Foundation, 2016 apud Komarchesqui, 2018). As razões são muitas: possível exposição a ISTs, serem forçadas a gravar sem usar proteção, por horas a fio, risco de lesão mecânica pelos esforços repetitivos, fome e exaustão física durante gravações longas, assim em diante.

Ainda sobre as complicações de saúde, é comum que produtoras de conteúdo adulto afirmem políticas de testes frequentes para os trabalhadores, entretanto, Dr. Robert Kim-Farley (apud Tarrant, 2016) relembra que testes frequentes não são indicadores de diminuição das taxas de transmissão de IST, além de não garantirem que trabalhadores estarão livres do perigo de contrair tais infecções. Para mais, a taxa de transmissão de IST é significativamente maior

entre membros da indústria pornográfica: estudo do *Journal of Sexually Transmitted Diseases* (2011, apud Tarrant 2016), feito em Los Angeles (berço da maior parte do conteúdo pornográfico produzido no mundo), revela que atrizes no ramo da pornografia tem 34 vezes mais chances de contrair clamídia e 64 mais vezes de contrair gonorreia em comparação a população geral do estado. O mesmo estudo também aponta que mulheres do ramo são 27% mais favoráveis de ter uma infecção repetida num período de um ano. Finalmente, a mesma fonte descobriu, no ano seguinte, que dos 47 trabalhadores sexuais com diagnóstico confirmado de gonorreia ou clamídia, 11 dos casos não teriam sido identificados nos testes aplicados pelo protocolo da indústria.

Com exceção das "grandes estrelas", a duração média da carreira de um ator pornô é curta, entre 4 e 6 meses. Isso se dá primeiramente, porque o mercado apresenta condições empregatícias precárias e nenhuma regulamentação, tão logo nenhum direito garantido. Muitas vezes, atuar numa produção de conteúdo adulto é visto como um trabalho temporário, uma renda um pouco mais rápida, até porque não há barreiras à entrada para novos trabalhadores (a entrada de um ator adicional não vai influenciar aqueles que já fazem parte do mercado de trabalho). Outros acreditam que pode ser uma porta de entrada para alavancar sua carreira como atores em produções para o público geral, se conseguirem popularidade, numa menor quantidade alguns podem adentrar a indústria pornográfica por curiosidade. Por fim, a maioria tende a sair do ramo muito rápido por serem expostos a uma série de problemas de saúde, como os destacados anteriormente, o que torna impossível a continuidade de sua carreira.

Levanta-se vítimas de tráfico sexual forçadas a pornografia. De acordo com Patrick Trueman (2014, apud Tarrant 2016), a pornografia cria demanda para tráfico sexual, e a desumanização da mulher facilita o processo, dessensibilizando os homens da dor causada. Mulheres e crianças de países subdesenvolvidos tendem a ser os maiores alvos do tráfico sexual, numa estimativa de 800 mil a 2 milhões de mulheres por ano (CIA, 2014, apud Tarrant, 2016). A Organização Mundial do Trabalho estimou que cerca de 18,7 milhões de pessoas são vítimas de tráfico, e dentre elas cerca de 22% são exploradas sexualmente. É importante frisar que o tráfico humano não é tão visível como o tráfico de drogas ou produtos ilegais, e quando se pensa na parcela de mulheres traficadas que estão sendo forçadas a produzir conteúdo pornográfico, os sinais são muito mais difíceis de identificar, e é quase impossível quantificar quantas mulheres estão nessa condição, segundo o Departamento de Estados dos Estados Unidos.

## **CAPÍTULO 4 – MERCADO DE PROSTITUIÇÃO**

### **4.1. Paralelismo entre prostituição, pobreza e políticas públicas**

A começar, segundo o IBGE (2022), a população feminina tem maiores chances do que a população masculina de estar numa posição de desemprego, subemprego ou salários menores. Ainda, raça e incapacidade de empregabilidade regular são os principais fatores que levam aos trabalhos sexuais entre as mulheres, segundo os dados. Isso significa que mulheres na linha da pobreza, imigrantes, negras e mulheres transsexuais estão submetidas à reprodução de suas condições precárias de sobrevivência e reafirmação do seu papel de subserviência. Em outras palavras, entender que a prostituição é marcada por grupos marginalizados prova a normalização sistemática da manutenção dessas minorias à parte.

Para ilustrar numericamente o padrão de pobreza da maior parte das prostitutas, salienta-se que 75% das mulheres que estão na prostituição já moraram na rua em algum momento de suas vidas (Farley, 2004). Adiciona-se que no Brasil, das 13,5 milhões de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza, 75% são pretos e pardos (IBGE, 2019 apud Valor, 2019), e vale levar em conta o imaginário hiper sexualizado da mulher negra, herança da escravidão (discutido previamente no primeiro capítulo) e a dificuldade ainda maior que essas mulheres têm de conseguir um emprego, quando comparadas a um homem branco, por exemplo.

A prostituição causa danos incalculáveis às mulheres negras e às mulheres ex-colonizadas no comércio sexual, e o racismo é um dos fatores que obriga a entrada de muitas delas na prostituição quando suas alternativas são limitadas. Mulheres negras, pardas e de minorias étnicas estão sobrerrepresentadas na prostituição, como, por exemplo, nos Estados Unidos, Canadá e Suécia, onde as mulheres afro-americanas e aborígenes representam mais da metade das prostitutas (Nelson, 1993 apud Cavour, 2011). O autor argumenta que tanto na Suécia, como nos Estados Unidos (a exemplo da época da plantation), o comportamento racista para com as mulheres no ramo da prostituição está diretamente ligado a colonização, herança direta, e também um padrão global. Atualmente, clientes afirmam que buscam prostitutas jovens, bonitas e 'exóticas', frequentemente descritas como meros objetos fetichistas, tratadas e colecionadas como tal (Marttila, 2008 apud Mac; Smith, 2016).

Outra característica é a presença imigrante na massa de trabalhadoras sexuais. Primeiramente, 4% da população em condição de rua é imigrante no Brasil (Brasil, 2019), e o número fica ainda mais grave em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde a maior parte das prostitutas são imigrantes ou filhas de imigrantes refugiados (Tarrant, 2016). Destaca-se ainda que em grande parte das pesquisas demográficas na área da prostituição, transsexuais representam pelo menos metade das prostitutas. Isso porque costumam enfrentar preconceito

ao buscar emprego nas carreiras de modo geral e pela alta probabilidade de se encontrarem em situação de rua, fruto da exclusão que começa na família e perpassa a sociedade (Reidel, 2022 apud Tarrant, 2016).

Como visto no capítulo anterior, na pornografia as mulheres brancas são favorecidas com mais oportunidades de trabalho, maiores salários e sempre são aquelas que estampam as propagandas. Por conta destes, e dos demais motivos expostos acima, para essa parcela da população, a prostituição pode ser uma alternativa de sustento atrativa, se não uma das únicas. Portanto, vê-se que justamente a parcela marginalizada é excluída da indústria pornográfica, e do mercado de trabalho, deixadas com a única opção de trabalho sexual na prostituição, e fadadas a reproduzir o ciclo de pobreza que as forçou a recorrer ao trabalho sexual em primeira instância.

Partindo para a ótica governamental do problema, sabe-se que no Brasil o ato de prostituir é previsto pela legislação trabalhista brasileira segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) como profissão nº 5198-05, de tal sorte que o país, enquanto Estado Democrático de Direito, reconhece a prostituição como profissão. Entretanto, mesmo reconhecida juridicamente, a profissão falta de direitos trabalhistas e desumaniza o trabalhador ao escolher publicamente desampará-lo, por meio da ausência de políticas públicas. Além de tudo, por ser ilegal o ato de manter um prostíbulo ou atrair prostitutas para fazerem programas, o Estado dificulta condições dignas de prática da profissão, ao impedir que se crie ambientes de trabalho para essas mulheres.

Como ressaltado pelas autoras Juno Mac e Molly Smith (2022), a palavra “prostituta” carrega uma conotação sensível, transmutando-se num termo que quer ser evitado tanto em rodas de conversa como em discussões parlamentares. O motivo está relacionado a tabus de corpo e sexualidade (explorados na alusão histórica anteriormente), sendo assim condenada pela sociedade. Ao tornar esse termo e outros relacionados a esse serviço abstruso e arrevesado, cresce a dificuldade em promover direitos e políticas públicas, tornando a oposição de cunho social, mas também político. Independente do país e suas legislações, destaca-se que a importância de uma melhor regulamentação ou formulação de políticas públicas não têm o objetivo final de oferecer benesses, e sim garantir acesso à saúde pública (física e psicológica), proteção contra violência, previdência social e direitos trabalhistas. Trata-se da importância da diminuição da desigualdade e marginalização.

De volta ao exemplo brasileiro, Lucas Bernardino Dias (apud Klein, 2021) destaca que as poucas políticas de saúde pública aplicadas foram muitas vezes paliativas, ou se restringiram

a mera promoção do uso de preservativos. Além disso, o autor lança luz à ausência de políticas públicas voltadas àqueles que queiram abandonar a atividade que exercem, de modo que:

As políticas públicas de saúde e controle social devem ser pensadas a partir da participação das próprias trabalhadoras do sexo. Para isso, é necessário que as mesmas devam se auto reconhecerem nesta condição, assumindo-se, fazendo com que suas reivindicações ganhem uma maior visibilidade. (...) A inexistência de rotas de saída é um dos grandes empecilhos que fortalecem o estigma e a marginalidade. É essencial o desenvolvimento de políticas públicas que criem caminhos alternativos – isto é, a criação de opções e oportunidades de saída –, estimulando práticas de requalificação profissional, apoio social e psicológico, programas de inserção no mercado de trabalho, etc. Iniciativas neste sentido, caso fossem implementadas pelo Estado, seriam legítimas e bem-vindas, mas desde que não houvesse a sua imposição, respeitando assim os princípios da autonomia pessoal. (Dias, 2017 apud Klein, 2021)

O que o autor destaca, ao final do trecho acima, é de suma importância, tendo em vista a redução do valor pessoal da mulher que trabalha no ramo, uma vez que o trabalho vendido é o corpo. Há duas imposições feitas sobre as trabalhadoras: o não reconhecimento da profissão, invalidando sua autonomia, e a inexistência de uma 'rota de saída', como citado, dificultando a realocação em outro setor do mercado de trabalho. Caso seja da vontade individual a última opção, isto é, sair do ramo e se realocar, a problemática vai além das políticas de saúde pública - é necessário a criação de políticas educacionais, de auxílio de renda e de moradia.

A criminalização da prostituição costuma ser uma das sugestões quando o assunto se torna dever público. Para essa ideia, é importante lembrar que a criminalização dificulta a venda, mas não a impede, por isso no fim as maiores prejudicadas serão as próprias trabalhadoras, que precisariam driblar uma série de dificuldades para manterem seu sustento e subsistir num ramo ilegalizado. Por outro lado, em países como Alemanha, Hungria e Grécia, uma vez reconhecendo que a profissão sempre vai continuar existindo impondo ou não proibições, os países preferiram regulamentar a atividade: o cargo é reconhecido, há recolhimento de impostos, as casas que oferecem o serviço são fiscalizadas e operam perante licença, além de serem incentivadas políticas de saúde para diminuir a transmissão de DSTs, entre outras providências que garantem direitos trabalhistas e dignidade às trabalhadoras. (Mac; Smith, 2018).

Como consequência do desmazelo para com as trabalhadoras no ramo da prostituição, a verdadeira problemática de importância de discussão acaba se perdendo – ocupados demais colocando a culpa do aumento do mercado de prostituição global naquelas que ofertam o serviço, os formuladores de política e a sociedade de modo geral esquecem de se questionar quais são as condições que fazem com que as mulheres tenham de recorrer a esse mercado em

primeiro lugar, e por que a mesma parcela marginalizada continua presa na reprodução do mesmo ciclo.

Chega a hora de retomarmos o questionamento levantado no início da pesquisa. Como visto no desenvolvimento, o trabalho sexual acompanhou a estrutura do modelo socioeconômico em cada período no tempo. Ao adentrar a era capitalista moderna, ou ainda, a revolução tecnológica, a prostituição física se transfigurou para o que hoje conhecemos por pornografia audiovisual. Entretanto, a tendência não foi total, de modo que ainda existem cerca de 40 milhões de mulheres que permanecem na profissão (El País, 2018). Ora, se a pornografia nasceu da prostituição, de modo que a indústria pornográfica representa uma transformação do mercado de prostituição ao longo do sistema capitalista, conforme esse adentrava a era digital, por que ela ainda existe?

A resposta é simples - existe um laço indissolúvel entre a pobreza e a prostituição, fortificada pelo desamparo estatal, de tal maneira que, enquanto houver pobreza e marginalização de minorias, a profissão nunca será extinguida. Ainda mais, sabendo que a desigualdade social é um problema estrutural do sistema capitalista, não há maneiras efetivas em que a prostituição se torne uma profissão humanizada, bem paga e regulamentada para todas - há apenas exceções, e por mais que movimentos trabalhistas se paralitem para torná-las a realidade, como vimos no tópico presente, não são suficientes contra o controle do Estado.

A única solução possível, nesse caso, seria a união entre diminuição do nível de pobreza e a garantia de direitos. Uma boa regulamentação por parte do governo é de suma importância - assim como destacado neste tópico, em todos os países na qual foi aplicada, funcionou, mas todos os países citados têm como característica primordial níveis de desigualdade muito baixos comparados ao resto do mundo.

#### **4.2. Intersecção entre prostituição e pornografia**

Primeiramente, a prostituição e a pornografia estão ligadas pelo óbvio - é de sua natureza a comercialização do sexo, de tal forma que o lucro aparece na venda do corpo, transformando-o num produto para consumo. A segunda forma de ligação é que, como concluído no bloco anterior, a pornografia nasceu da prostituição, o que indica a terceira ligação, que compartilham de traços em comum - a serem explorados nesse bloco.

Como bem definido pela professora Shira Tarrant (2016), a pornografia pode ser considerada um fenômeno de “*psychological valence issue*” e “*political positional issue*”. Um problema de “*valence*” é definido pela psicologia por aquele que provoca fortes respostas emocionais, em extremos muito diferentes, gerando o que a autora nomeia a seguir por

problemas de posicionamento político, isto é, aqueles pontos de solução muito extremos, a pouco citados. Em outras palavras, isso significa que o fenômeno da pornografia, uma vez envolto em problemas morais, religiosos, de gênero, raça e etnia, de liberdade de expressão e de sexualidade, dificulta o estabelecimento de um consenso sobre como lidar com ela, quando comparado aos demais problemas de gestão governamental que não são de cunho próximo ao emocional como esse. Dessa maneira, pode-se dizer que o fenômeno é compartilhado entre a pornografia e a prostituição.

É corriqueiro que argumentos neoliberais retratem a prostituta e a atriz pornô como uma trabalhadora independente, bem-educada no ensino superior, capaz de se impor e negociar livremente seu próprio preço, e que tenha entrado no ramo por opção própria. O que esse argumento realmente revela é como é simples retirar a vulnerabilidade dessas trabalhadoras para que não seja necessário se preocupar em ajudá-las. A autora Lauren Hersh (2016) chama a atenção para esse tema:

A maioria das histórias inicialmente pintam a imagem da mulher bem-informada que escolhe a prostituição: A hipster estudada, inspirada por um podcast que glamouriza a indústria do sexo. Uma mulher com o privilégio de ter "mais diplomas que a maioria", em busca de complementar sua renda. Mas o que rapidamente emerge é a realidade das pessoas e as circunstâncias em que o comércio sexual deliberadamente ataca. Tomemos o exemplo de Jill Brenneman. Aos 40 anos, ela entrou no mercado sexual "voluntariamente" depois de perder seu emprego. Mas aos 14, ela foi sequestrada, traficada e estuprada. Outra mulher citada no artigo de Skylar, órfã muito nova, teve filhos enquanto ainda criança, e entrou na prostituição porque "não conseguia encontrar outra maneira de conseguir dinheiro para comprar comida". Aos 15 anos, "ela tinha um chefe, o qual a maioria das pessoas considerariam um cafetão, e ela não tinha controle sobre clientes ou serviços se quisesse ser paga". Sabemos por esses e outros sobreviventes do comércio sexual que a realidade é drasticamente diferente [do que as pessoas costumam pintar]<sup>3</sup>. (Tradução nossa)

A autora passou oito semanas estudando na companhia de sobreviventes do trabalho sexual em Sanctuary for Families, a principal prestadora de serviços e defensora em Nova York para sobreviventes de violência doméstica, tráfico sexual e formas relacionadas de violência de gênero. Ela concluiu na pesquisa que mesmo variando muito em termos de idade, raça, etnia e religião, as mulheres apresentavam algumas semelhanças, tais quais um histórico de abuso

---

3 "Most of the stories they feature initially paint the picture of the well-informed woman choosing prostitution: The educated hipster inspired by a podcast glamorizing the sex industry. A woman with the privilege of "more degrees than most" looking to supplement her income. But what quickly emerges is the reality of the people and circumstances on which the sex trade deliberately preys. Take Jill Brenneman, for example. In her 40s, she entered the sex trade "voluntarily" after she lost her job. But at 14, she was kidnapped, trafficked, and raped. Another woman described in the article is Skylar, orphaned at a young age, had children while still a child, and entered prostitution because "she couldn't find another way to get money for food." By 15, "she had a boss, whom most people would consider a pimp and she had no control over clients or services if she wanted to get paid". We know from them and other survivors of the sex trade that the reality looks drastically different [from what people usually paint out]."

sexual, violência doméstica e traumas na infância, assim como já terem passado ou se encontrarem na faixa de extrema pobreza e falta de moradia. Muitas eram meninas de cor, muitas transgêneras, a educação superior é rara entre o grupo e as oportunidades de reinserção, atípicas. Todas elas, ao descrever a experiência, de uma maneira ou de outra, definiram como extremamente dolorosa e exploradora, e para muitas algo que aconteceu muito cedo, antes que entendessem sequer o que era consentimento ou tivessem atingido a maioridade.

Ambas as profissões são caracterizadas pela vulnerabilidade, trauma psicológico e instabilidade econômica. Mais ainda, marcadas pela violência do começo ao fim - já na negociação de troca observa-se a drástica desigualdade e abuso quando homens que possuem poder econômico compram mulheres e meninas sem dinheiro e traumatizadas. Cerca de 40% das trabalhadoras relatam terem sido coagidas a aceitar um acordo de comércio sexual que não queriam e aquelas envolvidas na prostituição têm de 60 a 100 vezes mais chances de serem assassinadas do que mulheres que não praticam a profissão (Hersh, 2016). Poucas têm a capacidade de se libertar quando um encontro se torna insustentável ou perigoso e a maioria não consegue articular seu desejo de sair do ramo devido à vergonha, ao estigma e aos laços traumáticos, que podem ser paralisantes. Nenhum discurso neoliberal seria capaz de manter seguras as trabalhadoras de um sistema de opressão como esse, baseado no poder, violência e desigualdade social, racial e de gênero. Afirmar que ela é inevitável, que é uma escolha ou até mesmo que é empoderadora são mitos nocivos feitos por aqueles que conseguem tirar vantagem da exploração das mulheres.

Também nas duas profissões encontra-se uma forte barreira à saída: muitas vezes, mesmo que apresentem uma forte vontade de trocar de profissão, as mulheres se veem presas ao ciclo, por necessidade financeira, pela falta de um diploma ou até mesmo a falta de condições que permitissem que terminassem o ensino básico. No caso da pornografia, a situação é ainda pior, pois sua imagem está em exposição online, ainda mais se atingir alguma popularidade. Outro tema a ser levado em consideração é a incapacidade de conseguir trabalhar: os problemas de saúde podem impedir que pratiquem qualquer outra atividade.

De volta ao caminho de violência que ambas as carreiras perpassam, tomemos algumas descobertas do estudo *"Pornography Production Harm in Sweden: Filmed Prostitution is Inseparable from Non-Filmed Prostitution"*, elaborada pelos pesquisadores suecos Melissa Farley, Erica Bergkvist, Merly Asbogard, Johanna Pethrus, Mikaela Lannergren, Luba Fein e Nacima B. Jerari, em 2023, após entrevista com 105 trabalhadores sexuais, na qual se referem a pornografia como prostituição filmada e prostituição como prostituição não-filmada. Segundo os pesquisadores, 84% dos entrevistados já foram estuprados durante o "sex trade", 64%

filmados sem a permissão durante a prostituição, 75% foram coagidos a performar o que não tinha sido combinado previamente e todas as mulheres entrevistadas relataram ter passado por assédio sexual verbal e físico, atos sexuais indesejados, nudez forçada, zombaria sexual ou outros ataques similares. Adicionalmente, antes mesmo de sequer ter idade para considerar qual profissão seguir, segundo as entrevistadas, a infância foi marcada por abuso físico e psicológico, e também pela falta de educação sexual nas escolas. Ainda, dentre aqueles que receberam educação sexual na escola, assuntos como consentimento para relações sexuais, pornografia, prostituição e violência sexual não foram abordados, ao passo que prazer sexual masculino foi abordado duas vezes mais que prazer sexual feminino.

Dentre outros pontos em comum, metade relatou não ter sido pago após enviar o conteúdo pornográfico (o não pagamento pelos serviços é um esquema comum, segundo os entrevistados), 54% foram ameaçados por mensagem de texto e 39% tiveram suas informações enviadas sem permissão para familiares e empregadores. Um quarto dos entrevistados confirmou que há parte do crime organizado tanto na prostituição como pornografia, e que presenciaram gangues criminosas comandando produções no seu tempo na indústria. As participantes da pesquisa relataram comportamentos legalmente configurados como tortura, como assédio sexual verbal, atos sexuais indesejados, nudez forçada, estupro, zombaria sexual, assédio sexual físico e não permitir higiene básica em set. Para além, 81% foram diagnosticados com Transtorno de Estresse Pós-Traumático, diretamente relacionado a outra queixa nas entrevistas - sintomas de extrema dissociação, que é uma resposta psicológica frente a um evento tão traumático que a mente se desconecta do estado emocional ou físico atual. A dissociação, assim como o TEPT, ocorre entre prisioneiros de guerra que são torturados, entre crianças que estão sendo sexualmente agredidas e entre mulheres que estão sendo espancadas, estupradas ou prostituídas. Tentativa de suicídio e automutilação são comuns no grupo, principalmente naqueles que apresentaram sintomas de dissociação, já que são problemáticas psicológicas geralmente associadas - a parcela que alega estar nesse grupo chega a 71%. Quando perguntados sobre serviços que necessitam, a resposta foi aconselhamento psicológico, acompanhamento em grupo, auxílio médico, treinamento de autodefesa, uma casa ou local seguro, ajuda jurídica e treinamento profissional.

## CONCLUSÃO

A prática da prostituição remonta à Idade Antiga, encontrando-se em diversas culturas desde então, e o que é considerado pornografia (mas classificado nessa monografia por erótica) tem raízes históricas profundas, desde as primeiras manifestações de arte plástica até os primórdios da fotografia. Ela faz parte da essência humana, por retratar algo que é natural das relações, e acompanhou a sociedade em todas as mudanças de forma de expressão e, mais adiante, nas transmutações das relações de troca e comércio.

Ao longo dos séculos, houve mudanças na percepção social do sexo, moldada pelas crenças religiosas dominantes. A prostituição perpassou por comunidades em que era parte de rituais ou aceita coletivamente, até sua repressão e criminalização. A guinada para a formação do ideal do que hoje entendemos por relações sexuais está interligada à época das grandes navegações, período em que a religião católica associou sexo a pecado, condenando sua prática e disseminando essa ideia para o resto do mundo. A demonização da prostituição foi acompanhada pela convicção de que a culpa era das mulheres, que, assim como no conto do pecado originário, eram pecaminosas e manipulavam os homens a cometer atos repreensíveis.

Historicamente, a regulamentação do trabalho sexual sempre foi conturbada. Governos demonstraram tentativas de controlar e regular a prostituição, mas o resultado disso foram medidas opressivas para as trabalhadoras, incluindo estigmatização, violência policial e falta de acesso a serviços básicos de saúde e segurança. Durante períodos de guerra e regimes autoritários, o controle sobre a prostituição foi intensificado, em nome da moralidade ou da segurança nacional, ao passo que as prostitutas ficaram vulneráveis a abusos de direitos humanos e exploração, reféns de ainda menos proteções legais. Dessa maneira, quanto mais autoritário era o poder, menor era a segurança e pior eram as condições de trabalho para as mulheres.

Outra conclusão importante ao colocar a história da erótica em perspectiva, é que a relação tecnologia-pornografia se mostrou uma via de mão dupla: cada invenção tecnológica aumentava a distribuição e consumo de conteúdo audiovisual pornográfico, e ao mesmo tempo, graças a pornografia, novas invenções puderam ser popularizadas, como no caso do VHS e o DVD, que precisou do impulso inicial da pornografia para se expandir, e a internet, que se tornou tão rapidamente presente no mundo em vista da pornografia, responsável por impulsionar demanda por maiores velocidades de conexão e os avanços nas técnicas de compressão de vídeo, por exemplo.

Movendo para a estrutura de mercado da pornografia, apesar de mascarada como concorrencial (já que, em teoria, existe uma gama de possibilidades ao consumidor e a

amplitude da internet permite que qualquer indivíduo crie um site e divulgue os conteúdos que prefere), a estrutura na indústria pornográfica é oligopolista - poucas empresas dominam o setor e exercem controle sobre a produção, distribuição e preços do conteúdo audiovisual adulto. Isso lhes confere um poder para determinar as condições do mercado e influenciar o comportamento dos consumidores, já que também controlam os canais de distribuição, por meio de acordos exclusivos com produtoras de filmes pornográficos ou adquirindo produtoras menores, consolidando ainda mais sua presença. Isso sem mencionar as barreiras à entrada, como a tecnológica e de economia de escala.

Segundo análise dos dados recolhidos no Pornhub sobre o consumidor de pornografia nos últimos dez anos, o público é predominantemente masculino e, mesmo que a idade média seja 37 anos, quase toda porcentagem dos consumidores se concentra em jovens de 18 a 24 anos e jovens adultos entre 25 e 34. Os visitantes do site costumam acessar pelo celular, e passam pouco tempo por acesso, cerca de 9:43 minutos. O consumidor padrão tende a vir dos Estados Unidos, já que o país nunca deixou a primeira posição em quantidade de acessos por ano. Países como o Reino Unido, Japão, Índia, Alemanha, Canadá, Filipinas, França, Itália, México, Austrália e Brasil também se destacam. Os termos de busca mais populares, como "*teen*", "*lesbian*", "*milf*" e "*japanese*", revelam não apenas a preferência do consumidor, mas alta tendência de fetichização, popularizada e compartilhada pelas plataformas. Tanto o número de acessos quanto o de *petabytes* movimentados por ano são impressionantes, e indicam não só a sólida posição da indústria como uma tendência de crescimento contínuo.

A indústria pornográfica é uma colossal parte da economia global, com números na casa dos bilhões. Apesar da percepção de que o conteúdo pornográfico é predominantemente gratuito, existem várias opções pagas disponíveis para os usuários, além de existirem maneiras de lucrar com conteúdo gratuito, assim como muitas outras plataformas de streaming fazem.

O custo de produção de filmes pornográficos varia consideravelmente, uma vez que depende do orçamento, localização e complexidade da produção. A maioria dos filmes são produções de baixo custo, conhecidas como "*gonzo shoots*", que empregam uma equipe mínima e têm custos de produção mais baixos. Já os salários das trabalhadoras costumam ser fixados antes da gravação, individualmente. Homens são contratados com mais frequência, mas as mulheres tendem a ganhar salários mais altos. A disparidade salarial também é observada entre atores de diferentes raças e gêneros. Por fim, os salários também podem variar de acordo com o país em que foram gravados - é comum a busca por mão de obra barata, de modo que, mesmo que o berço das produções seja os Estados Unidos, países como o Brasil e a Hungria podem se tornar destinos para produções menos custosas. A falta de transparência nos salários e

assimetria de informações pode contribuir para a subvalorização do trabalho das atrizes, e a falta de regulamentação da jornada de trabalho facilita a sua exploração.

Sabe-se que a internet proporciona um acesso fácil e quase ilimitado a conteúdos explícitos, moldando as perspectivas de sexualidade, mas a pesquisa também pôde lançar uma nova luz sobre o tema: o impacto na perpetuação de problemáticas sociais. Entre os estigmas apontados, foi possível observar o desenvolvimento de expectativas irreais das relações sexuais, normalização da violência sexual, contribuição para a cultura do estupro, fetichização de mulheres asiáticas, negras, lésbicas e menores de idade, acompanhada da sua objetificação. Percebe-se que as mulheres são as mais afetadas - seus corpos são coisificados em todos os formatos e idades, e quanto mais esses comportamentos são normalizados, mais difícil é para que a sociedade como um todo amenize o peso da violência que as mulheres são condenadas a carregar.

Para além, o dano não se restringe somente ao público - foram notados sérios malefícios diretamente às atrizes. Experiências nos sets de filmagem frequentemente resultam em trauma físico e emocional para as atrizes, incluindo humilhação, relatos de abuso sexual, violência verbal e física. Além do trauma físico, o trauma psicológico é permanente, e se torna algo que as atrizes têm que lidar pelo resto da vida, como quadros de estresse pós-traumático e depressão. Outro foco de alerta é a alta exposição a ISTs, já que a proteção não só não é obrigatória, como seu não-uso é incentivado pelas produtoras. Fatores como esses afetam inclusive a expectativa de vida das atrizes pornô, que é de 36 anos de idade.

A pornografia tem suas raízes na prostituição, representando uma transformação do mercado sexual ao longo do tempo, em vista da ascensão do capitalismo e da revolução tecnológica. São codependentes e compartilham pontos em comum - são caracterizadas pela vulnerabilidade, trauma psicológico e instabilidade econômica das mulheres envolvidas. Da negociação ao trabalho em si, ambas as profissões são marcadas pela desigualdade de poder e abuso, frequentemente coagidas a realizar atividades não acordadas previamente e sujeitas a assédio sexual verbal e físico. Também nas duas encontra-se a exposição ao crime organizado.

A prostituição é muitas vezes uma escolha de último recurso para mulheres marginalizadas. Essa realidade reflete a desigualdade estrutural, na qual a população feminina em situação de pobreza, imigrantes, mulheres negras e transsexuais, enfrentam maiores chances de desemprego, subemprego e salários menores. A falta de políticas públicas eficazes contribui para a vulnerabilidade dessas mulheres, que são empurradas para a prostituição como uma das poucas opções de sustento disponíveis na sua realidade. Enquanto esses padrões existirem, a prostituição continuará a ser uma realidade, pelo menos no formato que vemos hoje.

Finalmente, esse trabalho tinha como objetivo explorar a indústria pornográfica por um olhar econômico: o economista é mais do que um estatístico, um sociólogo, um formador de políticas ou um teórico; é uma junção de todos esses olhares críticos e bem mais. Por esse motivo, no fim das contas o objetivo verdadeiro da monografia era entregar uma análise ampla como somente a ciência econômica seria capaz.

O quanto foi possível, apesar da falta de dados e assimetria de informações, as teses principais levantadas no início da pesquisa foram dissertadas, sendo elas a ideia de que: a pornografia é prejudicial tanto às atrizes como às mulheres de modo geral; a construção social negativa do sexo vem da religião católica e, assim como muitos outros comportamentos herdados dela, continua influenciando o senso coletivo; o trabalho sexual é violento, irregulamentado e segregante, seja qual for seu formato (prostituição ou pornografia); a pornografia nasce da prostituição, em vista do desenvolvimento do trabalho sexual em paralelo ao avanço tecnológico do sistema capitalista, e a primeira continua a existir por seu laço inseparável à pobreza; o trabalho sexual tem relação com desigualdade social e taxas de violência.

Não se vê solução possível, ao menos imediata, para os problemas apontados. O intuito foi estabelecer parâmetros de alerta e esquematizar as adversidades para que se inicie um debate sobre o oligopólio que vem operando sem controle aparente, em troca do prejuízo social. Espera-se que a análise tenha elucidado as questões levantadas e que, num futuro próximo, entidades governamentais possam cogitar a implementação de regulações rígidas, medidas de fiscalização e programas de apoio ao trabalhador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Mariana L.; SCORPINHO, Rosemeire A. Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero X, 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos** [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, p. 1-11. Disponível em: [https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868\\_ARQUIVO\\_versaofinalparafazendogenero.pdf](https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868_ARQUIVO_versaofinalparafazendogenero.pdf). Acesso em: 20 de abril de 2024.

ÁLVAREZ, Pilar. Espanha estuda proibir a prostituição. El País, Madrid, 09 set. 2028. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/internacional/1536339196\\_130672.html#](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/internacional/1536339196_130672.html#). Acesso em: 20 de abril de 2023.

BÔAS, Bruno Villas. IBGE: Dos 13,5 milhões vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos. **Valor Econômico**, São Paulo, 2019 Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/11/13/ibge-dos-135-milhoes-vivendo-em-extrema-pobreza-75percent-sao-pretos-ou-pardos.ghtml#>. Acesso em: 20 de abril de 2023

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População em situação de rua: Diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat\\_pop\\_rua\\_digital.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf). Acesso em: 20 de abril de 2023

CAVOUR, Renata Casemiro. **Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar**. 2011. 148 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DORAN, Kirk. **The Economics of Pornography**. [S.l. : s.n.], Article ID 220519146, 2009. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Economics-of-Pornography-Doran/7fca93bea0a4e1eb1ef1ced039274d8243b67469>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

DUFOUR, Pedro. **História da Prostituição em todos os povos do mundo: desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias**. 1. ed. Lisboa: Empresa Litteraria Luso-Brazileira, 1835

EBERSTADT, Mary; LAYDEN, Mary Anne. **Os custos sociais da pornografia**. São Paulo: Quadrante Editora, 2019.

ECOFUNOMICS. **Pornography and Economics: The rare talked Topic**. Ministry of Corporate Affairs of India: Ecofunomics LLP., 2020. Disponível em: [https://ecofunomics.com/economics/673/#Internet\\_Pornography\\_Statistics](https://ecofunomics.com/economics/673/#Internet_Pornography_Statistics). Acesso em: 10 de abril de 2024.

FARLEY, M.; BERGKVIST, E.; ASBOGARD, M.; PETHRUS, J.; LANNERGREN, M.; FEIN, L.; JERARI, N. B. **Pornography Production Harm in Sweden: Filmes Prostitution is Inseparable from Non-Filmed Prostitution**. Stockholm: EO Grafiska, 2023.

FORBES. 10 sites mais populares do mundo. **Forbes Brasil**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2019/04/10-sites-mais-populares-do-mundo/>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

HARFORD, Tim. **Como a pornografia impulsionou avanços tecnológicos**. São Paulo: BBC World Service, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48526409>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

HERSH, Lauren. **Prostitution Is Not Just Another Job**. Huffington Post, 2016. Disponível em: <https://prostitutionresearch.com/prostitution-is-not-just-another-job/>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

IBGE. Síntese de **Indicadores Sociais**: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022.

JENKINS, J. Phillip. **pornography**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/pornography>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

KENDALL, Todd. **Pornography, Rape, and the Internet**. Cleamson: Clemson University, 2007.

KLEIN, Bethânia de Cássia Gay. **Prostituição no Brasil Contemporâneo**: Aquiescência Social e Desafios Inerentes à Regulamentação da Atividade. São Paulo: Monografias Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/prostituicao-no-brasil-contemporaneo-aquiescencia-social-e-desafios-inerentes-a-regulamentacao-da-atividade.htm>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

KOMARCHESQUI, Bruna. Onda de mortes de atrizes alerta para a desumanização da indústria pornográfica. Gazeta do Povo, São Paulo, 17 jun. de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/onda-de-mortes-de-atrizes-alerta-para-a-desumanizacao-da-industria-pornografica-5nw4kbzwm1xv67ldrli3ahopd/>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

LACERDA, Antonio Carlos. Fundação Scelles: 42 milhões de pessoas se prostituem no mundo. **Pravda.ru**, Paris, 2014. Disponível em: <https://port.pravda.ru/sociedade/36121-prostituicao/>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

MAC, Juno; SMITH, Molly. **Revoltng Prostitutes**: The Fight for Sex Workers' Rights. Reino Unido: Verso Books, 2018.

NEWSWIRE. **Adult Entertainment Market to Reach \$96.2 billion, Globally, by 2032 at 5.2% CAGR**: Allied Market Research. Ralleigh: Newswire LLC, 2023. Disponível em: <https://www.prnewswire.com/news-releases/adult-entertainment-market-to-reach-96-2-billion-globally-by-2032-at-5-2-cagr-allied-market-research-301862924.html>. Acesso em: 11 de março de 2024.

NUNES, Bianca. **Da Bíblia a participação nas produções de Hollywood**: a prostituição sempre existiu. São Paulo: Aventuras na História, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-a-prostituicao-profissao-da-vida.phtml>. Acesso em: 20 de maio de 2023

PADULA, Ana Luisa Pires. **O mundo de Afrodite**: A influência do consumo de pornografia na vida sexual e pessoal de homens cisgêneros heterossexuais à luz da psicologia analítica. 2022. 114 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

PINTO, Amanda Duarte Vaz. **Pornografia e questões de gênero: um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades**. Brasília, 2018. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2018.

PORNHUB. **Pornhub 2013 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2013. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2013-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2014 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2014. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2015 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2015. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-2015-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2016 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2016. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>. Acesso em> 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2017 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2017. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2017-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Celebrating 10 years of Porn... and Data!** Montreal: Pornhub, 2017. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/10-years>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2018 Year in Review**. Montral: Pornhub, 2018. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2019 Year in Review**. Montreal: Pornhub. 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2021 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2022 Year in Review**. Montral: Pornhub, 2022; Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Pornhub 2023 Year in Review**. Montreal: Pornhub, 2023. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 27 de abril de 2024

PORNOBRASIL. **As estatísticas na internet da pornografia**. Disponível em: <https://pornobrasil.com>. Último acesso: 22/03/2023.

PYNE, Saikat. **This is how porn sites make money**. India, Business Insider, 2019. Disponível em: <https://www.businessinsider.in/this-is-how-porn-sites-make-money/articleshow/48385361.cms>. Acesso em: 01 de maio de 2024

TARRANT, Shira. **The Pornography Industry: What everyone needs to know**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2016.